



COONY

*carlos
heitor*

*Vera
Verão*



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



C *Nova
Fronteira
Acervo* N Y

3ª edição

CONY

*carlos
heitor*

*Vera
Verão*



© by Carlos Heitor Cony, 2014

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES
S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso —
21042-235

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-
8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C784v Cony, Carlos Heitor

3.ed.

Vera Verão / Carlos Heitor Cony. –
3.ed. – Rio de Janeiro : Nova
Fronteira, 2014.

ISBN 978-85-209-4058-7

1. Literatura infantojuvenil. I.
Título.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

SUMÁRIO

A moenda

O pesadelo

A fuga

A viagem

O susto

A primeira noite

A rede e o mar

O primeiro dia

Curiosidade

Toninho

Fim do primeiro tempo

Segundo tempo

A espera

A onda

Desencontro e encontro

O homem

A chuva

Vida curta e grossa

Natureza morta

O gato

Os peixes

A febre

A sopa e o medo

Fim do segundo tempo

Terceiro tempo

Cada um na sua

Coincidência

Um crime dentro do outro

O sucesso

A MOENDA

— O lha pra cima!

— Assim não, vira o rosto pra cá!

— Levanta mais o queixo, assim, agora sorria...

— Olhe pra frente... caminhe, mais depressa, ande, não abaixe o queixo!

— Pô! Desamarre essa cara! Isso não é um velório! Ria... mostre os dentes, arreganhe esse sorriso...

— Assim não! É demais! Agora dê um jeitinho no rosto, ótimo... sorria outra vez... ande mais devagar... mais depressa... mexa com os cabelos... olha pra cá outra vez... fique mais séria... não exagera, você vai receber uma boa

notícia... abra bem os olhos, faça cara de espanto... não, assim não... você não vai ser assaltada... ria... só um pouco, continue rindo, que diabo! Você está sendo vista por milhões de pessoas... caminhe normalmente, não mexa tanto a bunda... requebre só um pouco, assim, justo, ótimo... você é uma mulher bonita, todos têm de achar que você é a mulher mais linda do mundo... isso, fique assim, cheia de si, confiança, pise forte, sorria docemente, agora tem de parar na linha vermelha, como se de repente lembrasse uma coisa... cuidado! Calcule bem os passos, olha a risca!... Bolas! Estragou tudo, corta!

O diretor estava suando, possesso. A voz já era rouca de nascença, com a profissão ficara mais rouca, arranhada. Aturar aquelas modelos era um saco! Nem mesmo uma manequim escolada como Vera, a melhor profissional da praça, nem mesmo ela dava conta do recado, precisava ensaiar várias vezes, fazer dois, três testes antes de filmar pra valer, um pequeno comercial de meio minuto demorava dois dias, a agência de publicidade reclamava, os custos, os cachês... no fim, pichavam o produto e a culpa era dele.

Os técnicos voltaram à posição inicial. Vera enxugou uma gota de suor que descia pelo pescoço — o longo

pescoço que dava a seu corpo a silhueta de uma enguia alta e loura, móvel, escorregadia e, ao mesmo tempo, firme, contida, séria. A maquiladora retocou-lhe o rosto, ela protegeu a vista do *spotlight* que despejava em cima de sua cara um calor artificial, forte, duro.

— Tudo pronto? Vamos rodar outra vez. Por favor, Vera, pelo amor de Deus, comece a andar, levante a cabeça, não esqueça de parar na linha vermelha marcada no chão, caminhe normalmente, com naturalidade, sorria, sorria sempre, assim, mostre os dentes, pense que todas as mulheres querem ser como você... levante o queixo, olhe um pouco de lado, isso, tá ótimo, você é

formidável, cuidado agora, não pisque o olho, vá indo, vá indo, perfeito... agora a linha vermelha, pare bem em cima... continue sorrindo... agora, atenção... já!

Vera obedecia maquinalmente. Por dentro, não sentia mais nada. Nos primeiros anos de profissão, havia um pouco de vaidade naquilo tudo. Depois se habituou. Era a manequim impessoal e por isso perfeita. Uma boa modelo que vendia sabonetes, enlatados, sandálias, apartamentos e desodorantes. A mais cotada do mercado publicitário, a mais séria, a mais eficiente: Vera.

Parou na risca vermelha, encarou a câmara com desafio, como se provocasse

a plateia invisível que iria consumi-la, aos milhões.

— Ótimo! Agora entra o fusca, vamos rodar aquela porcaria de comercial sobre acidentes de estrada, cadê o fusca? Vera, você já acabou, dá o fora! Vamos, entra o fusca, mais luz, tira esse pano de fundo, não esqueça a ambulância... Vera, que deu em você? Já acabou, dá o fora, depois a gente roda o cartaz do xampu, mas onde meteram esse fusca do diabo!

Vera caminha para o camarim. Tira a maquiagem. Bota nova maquiagem, sai do camarim. Está com um maiô de duas peças, nem avançado como uma tanga (afinal, ela é ex-miss Minas Gerais, não pode perder o seu eleitorado,

é patrimônio moral de uma família mineira e tradicional) nem careta demais, a indústria de cosméticos deseja apenas lançar o novo bronzeador de pele, está se lixando para a família mineira, quer uma foto enorme para a campanha de verão, revistas, tevê, jornais, cartazes de ruas e estradas, *outdoors*, o chumbo grosso da publicidade jogado numa promoção de peso, fulminante.

— Arruma melhor essa areia! Bolas! De onde veio essa terra suja? Mandei pedir areia, areia branca como açúcar, aqui no meu estúdio só entra areia feita de açúcar, você aí, tira essa luz daqui, está dando um amarelão desgraçado, cadê Vera, o fundo é azul, só azul, não

quero mar aqui no estúdio, basta o céu, areia, sol e céu, com Vera no meio, isso Vera! Está perfeita, a maquiagem exagerou mas assim é melhor, seu rosto tem de vender 5 milhões de bronzeadores em três meses de verão, vamos caprichar, agora deite aí, isso é areia mesmo, não é açúcar, fique à vontade, não se suje muito, você é a moça Zona Sul, não se esponja na areia, subúrbio não precisa de bronzeador, agora sorria, mostre o vidrinho, assim, levanta mais, não, não tampe o rosto! Fique mais relaxada na areia, você está numa manhã de sol, gozando a vida... todos os homens olham para você, à noite todos saberão que você passou o

dia na praia... isso! Esse jeito está bom, alegre, provocante! Ria mais, um pouquinho mais, abra os olhos, abaixe o queixo, agora...

Quando as máquinas (havia diversas câmaras espalhadas à sua frente) dispararam, ela quase gritou:

“Que que eu estou fazendo aqui?”

O PESADELO

A luz crua do estúdio, milhões e milhões de lâmpadas fortes dilaceram seu corpo, cortando-o em pedaços. Passiva, ela não reage. Vê os pedaços coloridos de seu rosto jogados na enorme piscina sem água, depois um carro-pipa cai dentro do buraco vazio, a água inunda vales e montes, dilúvio universal que se escoia pelo ralo da banheira, até caber dentro da travessa esmaltada onde há emulsão para revelar fotos. À luz vermelha, no papel brilhante que boia, começam a surgir manchas, depois o esboço de um rosto, é ela, sabe que é ela, sem cor nem olhos, cega, varada de sombras. O barulho de uma

máquina, a imensa rotativa, azul, amarela e vermelha, roda vertiginosamente, o papel passa como um rio imprensado pelos cilindros encharcados de tinta, a sineta toca num canto qualquer, o homem de óculos escuros vai examinando as revistas despejadas pelos intestinos da máquina. O homem tira os óculos escuros e ri, debocha do rosto colorido, depois cospe em cima dele. Milhões de capas de revista flutuam num espaço infinito e cinzento, o vento é forte, nuvens inchadas deslizam em silêncio, ela tem medo, procura fugir, os pés estão presos na lama, a custo consegue se livrar, caminha dois, três passos, o vento a

empurra para trás, ela luta, avança, as capas de revista transformaram-se em abutres negros e famintos que a atacam, com cólera. Ela foge, mas o bando é imenso, cerca-a de todos os lados e penetra-a na carne, Vera dá um grito e acorda.

A mão tateia, procurando o botão do abajur. Depois do clique, protege os olhos com a ponta do travesseiro. A seu lado, Jorge resmunga, irritado, tem sono de pedra, ela podia se esgoelar e ele não acordaria, o marido detesta a luz, reclama com um grunhido, muda de posição, volta a roncar.

Vera desliga o abajur. A sensação do pesadelo passou, ela sabe que não

dormirá mais, tem a experiência de pesadelos iguais, se insistir no sono, o pavor retornará em monstros redivivos. Antigamente, procurava a mão do marido — e se tapeava, pensando estar protegida. Há muito perdera qualquer sentimento em relação a Jorge: nem proteção nem raiva, nem amor nem cólera — cansaço apenas, de tudo e dele.

Levantou-se no escuro, não era problema. Conhecia (e como conhecia!) aquele quarto, seu quarto. Atravessou o pequenino hall e entrou no salão. Do janelão da frente, a luz da madrugada filtrava a névoa avermelhada através da cortina cerrada. Foi à copa, abriu a geladeira, bebeu um copo de água,

voltou à sala, dirigiu-se ao janelão, afastou a cortina. Já era dia lá fora, mas as lâmpadas de mercúrio ainda estavam acesas. Do outro lado da rua, quase em frente ao prédio, havia o enorme cartaz que a agência de publicidade lançara pela cidade: em tamanho gigantesco, imensa, desproporcional pelas folhas malcoladas, lá estava ela, de maiô, as pernas bronzeadas, o rosto risonho e quase negro de sol, os dentes brancos, o sorriso comercial, saudável, vendendo o vidrinho de plástico marrom, o novo bronzeador da multinacional de cosméticos que ia faturar não sabia quantos milhões até o final do verão.

Vera teve medo de se olhar ali, naquele monstro de papel pintado e colado, fantástico à luz da manhã que nascia. O rosto era imenso e irreal, na enorme e desconjuntada boneca borrada. As pernas, bem, eram só pernas, longas, ocupando todo o cartaz. Olhava suas pernas e nada sentia. Mas o rosto! Até que ponto *aquilo* era ela? Seis milhões de pessoas passariam pelas ruas, olhariam o fantasma colorido e saberiam que as pernas eram suas, e o seu sorriso, seu rosto, seus olhos — um rosto que não passava angústia, ótimo para vender saúde, desodorantes, bronzeadores, geladeiras, liquidificadores. O consumo inteiro no rosto consumível — e ela com

isso?

De repente, seus olhos de carne se fixaram nos olhos de papel pintado do imenso anúncio. Olhos que também eram seus. Sentiu que o monstro colorido, lá embaixo, a censurava. Olhava-a com desprezo, “veja, Vera, onde você se meteu, o que fez de sua vida, está satisfeita? Era isso o que você queria. E agora?”

Ela recuou. A luz da manhã iluminava o salão confortável e limpo do apartamento. Tudo arrumado, moderno, uma decoração que podia ser fotografada, exposta nas revistas especializadas, as luminárias de acrílico, os tecidos sintéticos das

poltronas, os quadros da moda, os *posters* americanos, os *affiches* franceses — tudo pré-fabricado, imposto, consumido.

Deu um grito e meteu o pé na mesinha de vidro e aço cromado que ficava ao centro do salão. Não sentiu dor. Cinzeiros e santinhos barrocos voaram. Avançou com raiva para os quadros, furou telas, rasgou *posters*. Encontrou uma faca de prata que lhe haviam dado em Porto Alegre (uma agência gaúcha craneara uma campanha para revitalizar o sentido folclórico dos pampas), com ela furou poltronas, sofás, almofadas, possuída, os olhos vidrados, frios, que nada viam.

Jorge apareceu na porta que dava para o quarto. Despenteado, ficava até mais bonito. O rosto de sono e espanto: — Vera! Que que é isso? O que deu em você? Tá maluca?

Não respondeu. Teve vontade de avançar contra o marido, a faca na mão, rasgar o short com que ele dormia. Mas teve medo de machucá-lo ou assustá-lo demais. Largou a faca, caiu sentada numa poltrona cujo estofado ela deixara em frangalhos: — Não aguento mais! Quero ir-me embora. Estou cheia!

— É A FUGA UMA LOUCURA, VERA, UMA LOUCURA!

Jorge olhava com pena e raiva para a mulher. No meio dos destroços da sala, ela própria parecia uma ruína.

— Não fico mais aqui! Basta! Vou para Búzios. Se você quiser me acompanhar, ótimo! Se não quiser, vou sozinha! Fique com os seus esquemas, seus planos, suas campanhas, seu prestígio, sua imagem de melhor publicitário do ano! Não aguento mais!

Jorge ainda estava sonolento, não gostava de acordar abruptamente, chegara tarde na véspera, um pouco

bêbado (antes de vir para casa sempre ficava no bar, com os amigos), tinha um despertar difícil e mal-humorado. Nem era agradável acordar e ver o apartamento destruído, os quadros, os *posters*. E a mulher naquele estado, meio louca e meio burra, a decisão tão absurda.

— Mas Vera, estamos em campanha de diversos anunciantes, não podemos deixar a agência na mão, temos os contratos, precisamos honrar nossos compromissos, você está na crista da onda, é a melhor manequim do Brasil, o cachê mais caro da publicidade. Sei que isso tritura um pouco mas você aceitou, agora não pode parar de repente, vamos

dar um jeito, terminamos todos os compromissos assumidos, depois estudamos um jeito de tirar umas férias, uns 15, 20 dias em Búzios, ou até mesmo a nossa viagem à Europa...

— Há dois anos você me embroma com essa viagem à Europa!

— Você viajou em março...

— A serviço! Pra fazer tomadas em Roma, 12 horas num avião, passar dois dias trabalhando daqui prali, Roma, Florença, Veneza, e engrenar 12 horas de volta, amarrada no avião... é isso o que você chama de “viagem”?

— Você é uma profissional, deve entender que...

— Não entendo mais nada! O que quero é sumir, dar o fora! Dar o fora, ouviu?

Vera berrava. Os olhos dilatados, que apesar da raiva não brilhavam. Jorge esfregou as mãos contra os cabelos desalinhados, tentando melhorar a figura. Percebera, no canto de um espelho que Vera acabara de quebrar, medonho pelo sono interrompido, o seu rosto inchado, envelhecido.

— Búzios! Fazer o que em Búzios?! Agora, não tem ninguém lá... tá tudo deserto... um saco!

Vera ia responder mas ficou calada. Ali estava parte da explicação de tudo: o marido só compreenderia Búzios se

houvesse tumulto, gente, acontecimentos, mídia... E ela desejava justamente jogar no lixo o tipo de vida que até então vivera.

— Bem — disse ela, com voz calma, tão calma que assustou Jorge —, se você não vem, vou sozinha...

— Mas...

— Não quero discutir o assunto. Vou de qualquer maneira. Você não pode ir ou não quer ir, fique. Cada um na sua...

Ela foi à cozinha, ferveu água, derramou Nescafé numa xícara. Jorge apareceu na porta: — Faz um pra mim?

Vera deu de ombros: — A água está quente. É só jogar o pó...

Passou pelo marido que se encolheu no portal, dando-lhe passagem. Seguiu

para o quarto, abriu o armário, tirou algumas roupas, jogou numa sacola. Entrou no banheiro. Cinco minutos depois, estava pronta, arrumara os cabelos num pequenino rabo de cavalo, que deixava nua a sua nuca branca, cheia de pelinhos cor de ouro. Jorge olhou-a com medo. Sabia que estava decidida, nada e ninguém a deteria. Resmungou um palavrão que ele próprio engoliu com a saliva e foi para o quarto, trocar de roupa. Não era a primeira vez que Vera dava um ataque daqueles. Volta e meia, ela se questionava, ameaçava dar um basta geral e fugir — mas ficava no projeto, na intenção de um dia mandar tudo às favas e viver a própria vida de

outra forma, em outro ritmo. A crise podia ser passageira, nada acontecera de extraordinário para irritá-la. Das vezes anteriores, havia sempre um problema concreto, uma briga com a agência, um acerto de contas malfeito, a perfídia de alguma colega desleal, enfim, um caso físico, palpável, que enchia Vera — e ela ameaçava parar com tudo, mudar de gênero e de vida. Jorge era homem prático, tarimbado em manequins, modelos. Pensou antes de descer à garagem: “Coisa pra dois ou três dias...”

A VIAGEM

Agora, o carro atravessava a ponte Rio-Niterói. Jorge castigava o acelerador, aproveitando a pista livre e reta. Ainda bem que o caminho ficara mais curto. Antigamente, no tempo das barcaças, era um suplício atravessar a baía, chegar a Niterói, pegar a estrada que levava à Região dos Lagos. Não era nada, não era nada, com a ponte ganhava uma hora de viagem, e isso era bom para ele.

A seu lado, Vera seguia muda, os óculos escuros refletindo o sol que nascera forte, em cima das águas. Olhava um ponto à sua frente, o que era a sua forma de não olhar nada. E criava

uma distância, uma muralha entre ela e os outros, ainda que o *outro* fosse o marido.

Com a velocidade do carro, o volante trepidava com força cada vez que as rodas passavam pelas emendas do concreto da pista. Para aliviar a tensão, Jorge comentou: — Droga de ponte! Já está cheia de corcovas... um dia esse troço despenca...

Vera nem ouviu. E Jorge se lembrou que ela detestava a ponte, preferia as viagens demoradas nas velhas barcaças que obrigavam a filas, a travessia morosa, os carros empacotados na enorme prancha de ferro, o sol escaldando, bem, era assim que os

passeios começavam, sem pressa, no relax inicial de aguardar a vez e aceitar o imprevisto, as barcas enguiçadas, já era uma forma de sair do sistema, do ritmo eficiente e indestrutível que a massacrava. Partir era o mais importante.

O sol começava a esquentar. Jorge fez um gesto em direção ao botão do ar-condicionado, Vera percebeu e rosnou: — Não ligue esse troço!

— Tá fazendo calor.

— Prefiro ir de janela aberta. Gosto de receber vento na cara.

— Faz mal à pele...

— Não preciso mais dela para ganhar a vida.

Jorge não quis comprar briga. Deixou a vida de lado e se resignou a receber, na cara, o bafo quente que vinha da pista.

Vera se esparramou no assento, agora que o carro deixara Niterói e começava a atravessar as regiões cobertas de mato, morros ainda feios anunciando a fartura das montanhas que se distanciavam da faixa do litoral.

“Taí, falei sem querer um troço certo. Não preciso mais da pele pra ganhar a vida. Como se fosse uma prostituta, uma mulher que vende a sua carne. Eu vendia exatamente isso, a minha carne sadia, bem-feita, minha pele macia por causa dos sabonetes que

anunciava, perfumada pelos desodorantes que me pagavam.”

Ela se espantava com o fato de ter demorado tanto para tomar aquela decisão. Sempre que se enchia da vida, dava uma meia-trava, pensava no medo, no futuro, no dinheiro incerto, na idade. Tudo se somava dentro dela, imaginava-se velha e sem brilho, sem oportunidade de bons empregos — e ia ficando, aceitando cada vez mais a descida ao abismo, ao fundo do inferno em que se metera e do qual não conseguia escapar.

De repente, Jorge deu um tapa em cima do volante: — Bolas! Esqueci de avisar ao Vasconcelos!

Vera nem ligou. Sabia o que era: o marido não podia sair do Rio sem prestar contas, precisava avisar que não ia à agência, era necessário desmarcar compromissos, adiar reuniões, o diabo. Ele não fugia — como ela. Apenas cumpria uma tarefa de emergência, levando a mulher em crise a Búzios. Voltaria no dia seguinte, “depois de ter feito tudo o que podia ser feito” para demovê-la daquela loucura. Evidente que a agência não iria à falência, faz parte dos riscos do negócio, doenças, acidentes, morte de pessoa na família, essas coisas. Todos compreenderiam. Uma crise de Vera seria aceita em certas bases, se não durasse muito e fosse bem espaçada de

outra. Afinal, estava em jogo a melhor modelo do Brasil, ela podia esnobar um pouco, desde que não exagerasse.

Vera tinha vontade de rir. Dessa vez não estava esnobando, nem pensara nisso, na sua carreira como profissional. Seu futuro, agora, lhe pertencia. Dele, cortara os *outros*. Sobrara *ela* — e bastava.

Jorge diminuía a velocidade do carro, esperando encontrar um telefone. Apareciam armazéns e vendas esparsas, nem adiantava parar e perguntar, era certo que não havia telefone. Depois de alguns quilômetros apareceu um posto de gasolina. Jorge embicou, passou pela bomba, o homem correu para servi-lo,

não, não tinha telefone, só no posto seguinte, 15 quilômetros adiante, Jorge retornou à estrada, apertou o acelerador, o novo posto surgiu, ele deixou o carro, correu ao aparelho, custou a obter ligação, berrou pelo Vasconcelos, o telefone estava péssimo, Búzios! BÚZIOS! O quê? O QUÊ? Uns dias, só uns dias... não, não é nada grave... Depois explico, avise ao Melo, MELO, o das alpagartas, ALPAGARTAS! Tchau!

Jorge desligou, sentindo agora mais raiva de Vera. Tudo por causa dela! Ele, o melhor contato da agência, que nunca transferira um compromisso, que jamais deixara de fechar um negócio, fora obrigado a apelar para um rival, o

Vasconcelos, que lutava pelo faturamento palmo a palmo, esperando uma brecha para se tornar o melhor contato da empresa! E tudo isso por quê? O capricho idiota da mulher!

Decidiu discutir novamente o caso com Vera. Fora longe demais! Estavam a quase cem quilômetros do Rio, por quê? Apenas porque Vera não queria trabalhar naquele dia ou nos próximos. E isso desarrumava toda a sua vida. Podia ser o seu momento de verdade, aquele adiamento talvez significasse que ele, Jorge Sales, iniciava naquele instante o declínio, a decadência profissional, conhecia casos parecidos, o fim começava imperceptivelmente, a classe é

sensível, percebe insignificâncias, os sismógrafos de cada agência captam sinais invisíveis de perda, e a rotatividade é grande, a concorrência cruel, diária, esfomeada.

Gritou: — Vera!

O carro estava vazio.

O SUSTO

Jorge olhava o carro e não entendia. Demorara pouco. Apesar da ligação defeituosa, não gastara cinco minutos com o telefonema. E Vera sumira: deixara a porta do carro aberta, como se não tivesse ido longe. Mas para onde? Jorge olhava ao redor, a estrada, tira perigosa de asfalto, derretendo-se ao calor da manhã — e nada.

Voltou ao posto, talvez ela tivesse ido ao banheiro. Nem precisou perguntar: a porta do toailete — imundo toailete de beira de estrada — estava aberta. Atravessou a pista, do outro lado havia uma pequena elevação, coberta por vegetação rala, rasteira e feia. Jorge

praguejou mas iniciou a subida. Havia uma árvore lá em cima, de flores amarelas, talvez um ipê, ele sempre confundia o nome de plantas, árvores e pássaros, não curtia esses babados da natureza, talvez fosse apenas um *flamboyant* amarelo — se é que existem *flamboyants* amarelos.

Chegou arfando, não subira nem cinquenta metros e ali estava, resfolegando, precisava se cuidar, seu único exercício, nos últimos anos, era a sauna, mesmo assim por interesse profissional, lá se reuniam executivos, ele forçava contatos e intimidades, certa vez fisgara a campanha de um detergente porque enxugara as costas de

um gordo diretor da multinacional que se dedicava aos inseticidas em spray.

Chegou lá em cima e viu: mais adiante, uma pequena nesga de mar. Talvez o início da praia de Saquarema, mar aberto, ondas brancas e enormes. Nada de Vera.

— VE... RAAAAA!... — gritou com força, um pouco assustado.

Havia uma ribanceira mais adiante. Do local onde parara não podia imaginar a altura da escarpa, devia ser grande, o mar ficava lá embaixo.

— VE... RAAAAA!...

Jorge sentia medo e raiva. Medo de alguma loucura da mulher, raiva de tudo o mais. Caminhou pelo atalho que

costeava uma pedra negra e nua, que terminava lá no fundo, na arrebentação do mar. Por um momento temeu o escândalo: “Se Vera caiu aqui, amanhã vão dizer que eu a empurrei... um saco!”

Felizmente estancou: longe, em cima de outra pedra redonda e comida pelo vento, Vera olhava o mar, distraída. Os cabelos louros voavam, Vera linda, e Jorge mecanicamente pensou numa foto: daria bom anúncio de qualquer coisa, não sabia o quê, era pena desperdiçar aquela solidão espontânea, lançada entre o mar e o sol.

Caminhou mais tranquilo, se aproximou da mulher. Estava ofegante: — Poxa, Vera, você me deu um susto!

A mulher não ouviu. Nem virou o rosto em direção ao marido. Continuou olhando o mar, recebendo na face e nos cabelos o vento que não era uma brisa mas vento mesmo, bastante salgado — e vivo como um bicho invisível que a possuía inteira.

— Olha aquele barquinho!...

Jorge não se mexeu. Não queria olhar barquinhos.

— Que diabo, Vera, você parece maluca! Vamos!

De repente, sentiu ternura pela mulher. Era uma menina. A manequim mais famosa do Brasil, a mais requisitada — e era uma menininha ainda, que gostava de olhar barquinhos.

Se ele tivesse alternativas, se pudesse escolher outro tipo de vida, tentaria ser feliz com Vera, em outras bases, a vida simples e retirada, os dois só, e bastantes.

— Vamos, Vera, não faz sentido...

Estendeu as mãos para a cintura da mulher. Ela escorregou para os braços do marido. Encarou-o seriamente, sem raiva, mas sem amor. Jorge tinha pressa: — Vamos, ainda falta chão, quero chegar em Búzios antes do almoço, já perdi o dia, agora pretendo descansar um pouco....

Regressaram pelo mesmo caminho. O carro lá ficara, sob o sol. Devia estar um forno.

“Ligarei o ar-condicionado. Chega de fazer somente o que ela quer!”

Rodou os botões. Vera não estrilou. Apenas dirigiu as grades do aparelho para cima de Jorge, não queria sentir aquele hálito pegajoso, artificial, que deixava sua pele seca, infeliz.

Jorge pisou mais forte no acelerador, queria recuperar o tempo perdido, enfrentou o asfalto que tremia à sua frente, devolvendo o calor da manhã que chegava ao fim. Pela janela, Vera olhava agora a Lagoa de Araruama, muito azul e lisa, dourada. Pouca gente nas praias: crianças, babás, um ou outro pescador tentando os siris.

O marido ligou o rádio para o noticiário das 11 horas. Bom profissional, precisava estar informado. Ouviu a cotação da bolsa de Nova Iorque, a umidade relativa do ar, o despacho dos ministros militares com o presidente da República, a batata, a cenoura e o chuchu subiram de preço, haveria falta de carne para exportação, um Opala batera num poste em Cachambi, cinco vítimas.

Agora atravessavam a ponte de Cabo Frio, sobre o canal, logo adiante comeriam a poeira que levava para Búzios, 25 quilômetros esburacados, costelas e valas imensas que quebrariam molas de tanques de combate. Jorge era

hábil no volante, conhecia bem as crateras, grudara as duas rodas do lado direito do carro na pequenina trilha de capim, à beira da estrada e conseguia avançar, sem quase diminuir a marcha.

A torre da igrejinha: chegavam. O carro passou por uma rua onde havia casas brancas e azuis e, de repente, destacado, um muro pintado de cores berrantes. Vera reparou no muro. Tentou entender o que via: um louco andara ali, esparramara tintas secas e ásperas, marrons imensos rodeando enormes confetes amarelos e vermelhos, um caos colorido e amargo, demente.

— Tem um louco solto por aqui... — disse ela, pensando em voz alta.

Jorge não ouviu. Nem reparava nos muros pintados que agora se sucediam. Freou com força diante da casa pequenina e simples, a varanda que começava na areia, quase em cima da praia.

— Pronto! Chegamos!

Vera teve vontade de corrigir o marido, “não, não chegamos, começamos, Jorge, agora é que começamos!”

Mas não disse nada.

A PRIMEIRA NOITE

A janela aberta, não havia mosquito nem vento, apenas a brisa salgada que perfumava o quarto, desmanchando o cheiro de mofo. Não abriam a casa há muito, seis, sete meses sem arejar os cômodos. Nos móveis e paredes ficaram manchas oleosas, maresia acumulada.

Jorge e Vera lado a lado, deitados na mesma cama. Ele dormira logo, estava cansado, o sono atrasado, e gostava de dormir assim, sentindo o cheiro e o gosto do mar. Um dia — um dia teria tempo para mudar de vida e viver como queria. Até lá, o jeito era amassar o pão do diabo e do suor de cada dia, enfrentar a selva

profissional, vender ideias brilhantes ou apenas ideias — mesmo sem brilho — que aumentassem as vendas de detergentes, desodorantes, cigarros, tecidos, terrenos, lâminas de barbear — o que fosse. Que a vida (a sua vida) esperasse.

Vera não sentia sono e, na verdade, não sentia nada. Estava bom ali, quase nua, apenas de calcinha, recebendo o hálito que vinha do mundo, do mar imenso que ela sentia lá fora, escuro e trememente, exalando o seu suor de monstro. No dia seguinte, Jorge regressaria ao Rio, ela ficaria sozinha. Não planejara nada, nem sabia exatamente o que faria, e isso era o

melhor de tudo. Dera um basta nas entrevistas e compromissos, hora de rir e chorar, vestir e despir roupas, besuntar a cara e lavá-la — sempre diante de milhares de consumidores. Nem filmagens, nem testes, nem contatos. Nada. Só ela. Ela e o mar. O sol e o vento. Anos atrás, não teria tido coragem de romper tantas amarras, havia, pelo menos, o nó de Jorge que a atava ao homem, ao casamento. Mas Jorge era agora um emaranhado de nós que se ligavam e se embaralhavam: a vida — o tipo de vida — que ela detestava. Não podia poupá-lo. Ou cortava todos os nós — inclusive Jorge — ou continuaria emaranhada, uma travessa de macarrão,

nó em si mesma, sem pontas que desfizessem a meada.

Fechou os olhos. No Rio, antes de dormir, sempre se agitava na hora de fechar os olhos: eles queimavam ainda, luzes dos *spotlights*, gritos, gruas, tintas, cheiros, tudo se misturava em suas pupilas fechadas e elas ardiam, sem sono, mastigando o cansaço, ruminando a fadiga, até que apelava para o comprimido e só assim dormia, quimicamente, lacraia imersa em álcool.

Agora, que fechara os olhos, via o mar do final da tarde, o sol oblíquo iluminando as pequeninas ondas que a viração formava, lá longe, bando de carneirinhos que nunca chegavam à

praia, corriam lado a lado para o nada, para onde o mundo acaba. Depois, seus olhos lembraram as paredes que um louco havia pintado. Como é que deixaram? Em Búzios, os moradores gostavam do branco, a maioria das casas e muros recebia todos os anos a caiacção caprichada, as portas azuis ou grenás. Nas choupanas antigas, que haviam pertencido a pescadores, as cores eram verde ou rosa, singelas, lavadas. Só mesmo um louco poderia borrar tudo com a gritaria, a estridência de vermelhos fortes e amarelos-gema, verdes-bandeira que só nos papagaios ficavam bem. E o marrom que ligava tudo, contornando cada cor como

moldura e apoio. Sim, um louco que fazia explodir a paz e a brancura da antiga vila de pescadores.

Fosse o que fosse, o problema não era dela. Tinha a praia, o sol, o mar. Acima de tudo, tinha ela própria.

Jorge roncou. Não era o pior de um marido. Ela aturaria todos os roncos de um homem, mas como aturar o ronco do seu marido? Deu uma cutucada com o braço, para acordá-lo. Jorge revirou na cama, mudou de posição. Não roncou mais, ficou ressonando, um pouco alto, Vera não podia exigir muito nem mais.

Levantou-se. Foi para a sala, abriu a porta. Pisou descalça na varanda, sentiu a areia ranger sob seus pés. Tudo deserto

no mundo. O mar aberto diante dela, comido pela goela da noite. Vera procurou pensar que já estava ali há muitos dias, muitos meses e anos, nem se lembrava mais como era o Rio, como era um estúdio, um cartaz, uma capa de revista. Sim, precisaria comer todos os dias. Mas ela se viraria. Em Búzios havia fartura de peixe, ela não perdia tempo em se amarrar em comida. Um copo de leite, uma fruta, um pouco de carne — e estava em pé, íntegra, total.

“Depois penso nisso. Posso trabalhar aqui, fazer qualquer coisa com as mãos, sou habilidosa, darei um jeito de viver sem pesar a ninguém, nem a Jorge. Não

quero o dinheiro imundo que ele ganha. O dinheiro que eu ganhei até agora.”

Vozes lá longe. No deserto da noite, no imenso da praia e do mar, havia vozes que vinham lá longe e iam para mais longe. Eram risadas, um bêbado falava com alguém, ela só entendia a risada, feliz, do tamanho da noite, mas em surdina.

Fixou os olhos num ponto: viu duas silhuetas que caminhavam pela areia. Um homem que ria alto, uma garrafa na mão, apoiado no ombro de um vulto menor, franzino. Passaram à sua frente, rindo, o homem estava embriagado, sustentado pelo rapaz, que parecia um filho.

A REDE E O MAR

O s dois vultos passam, somem dentro da noite. Vera pensa em voltar mas continua sem sono. Geralmente, ela tinha o remédio à mão para esse tipo de problema. Há muitos anos que tomava comprimidos para dormir, quase todas as noites. Não, ela não viera para Búzios, não largara tudo para continuar escrava do esquema.

“Nas ilhas da Polinésia, quando alguém está sem sono, faz amor.”

Ela havia lido uma reportagem sobre o assunto, tribos que inocentemente praticavam o amor grupal, ninguém perdia tempo esperando o sono.

Ninguém tomava comprimidos para dormir.

Voltar para casa — e bastava dar cinco, seis passos e estava outra vez em sua varanda — seria bom se ela pudesse acordar Jorge e dizer: “faz, faz!”. Seria impossível, agora. Jorge resmungaria, estava cansado, enfrentara a estrada, dormira mal na véspera, irritado com a decisão dela.

“Vou em frente”, pensou.

E se afastou da casa, caminhando sem pressa pela areia, os pés descalços, sentindo na areia um pouco do calor que o sol ali deixara. E havia um certo prazer em caminhar na escuridão, o mar se

distinguiu da noite porque era um corpo que se mexia, às vezes.

Ouviu o ruído, ainda longe. Um ruído molhado, de rede lançada nas águas. Talvez algum pescador tentasse àquela hora, ali perto dava cocorocas, papa-terras, carapicus. Ela, sozinha na noite, tendo como rumo o não-rumo, tinha necessidade de andar na escuridão, perseguindo um ruído, uma rede, uma qualquer-coisa.

Quando chegou perto conseguiu perceber: um barco estava apoitado, a proa encalhada na areia. Era apenas a massa do barco, massa escura, canoa comum, dessas usadas pelos pequenos pescadores de Búzios. E havia realmente

o barulho da rede molhada que batia contra o casco, sem pressa. Vera forçou a vista e viu o vulto do pescador, em pé, dentro da canoa. Ele puxava a rede, recolhia o que pegara e não pegara nada, a malha subia comprida e encharcada, sem nada dentro.

— Não deu nada?

O pescador parou de recolher a rede. Vera desconfiou que ele procurava alguma coisa dentro do barco. Súbito, a luz de uma lanterna elétrica iluminou-a.

— Quem é você?

A voz era forte, tranquila. Vera odiou aquela luz, varando a noite, buscando-a e descobrindo-a na praia deserta. Afinal, ela fugia dos *spotlights*, dos estúdios, do

foco em cima. E ali estava, o foco em cima dela, destacando-a, consumida por um homem solitário, mergulhado no escuro.

— Perguntei se está dando peixe, só isso.

Vera percebeu que o foco de luz percorreu o seu corpo, deteve-se nas pernas, depois se fixou no rosto. Ela ia pedir que o homem desligasse aquela luz, levantou o braço direito para proteger a vista. O homem de repente apagou a lanterna.

— Não estou pescando. Tenho o mar inteiro para isso. Por que haveria de pescar logo aqui, em cima da areia?

— Desculpe. Não entendo disso. Já vi gente pescando na praia, siri, camarão, essas coisas...

Aproximou-se do barco. O pescador não era velho: pela voz, pela silhueta que mal se distinguia através da noite, era homem ainda jovem, forte. Ela ainda pensou: “E se ele estiver nu?”

Teve vontade de ir embora. Percebia que o pescador não era de muitas palavras. Ocupado como estava em preparar suas redes, ela seria incômoda. Cada um no seu galho: muitas vezes, ela também se aborrecia com os intrusos que a interrompiam quando trabalhava... quando trabalhava! Ela trabalhara até a véspera, massacrada pelos *spotlights*, ria,

olhe para cima, olhe para baixo, se espante, sofra, ria, ande, levante, pare, caminhe, ria... Mesmo assim, naquele tipo de trabalho, ela não gostava que a interrompessem. Mais do que nunca, ali no meio da noite, sozinha na praia, diante de um desconhecido, tinha certeza de que não voltaria aos estúdios.

Ia embora. Mas o pescador, depois de ter recolhido a rede, deu um salto para a areia. Não, não estava nu, vestia uma velha calça, arregaçada nas pernas. O busto, sim, estava nu. Ele caminhou pela praia, até encontrar uma pedra retangular, parecia um paralelepípedo dos grandes, nele estava amarrada a corda que prendia o barco. Sem pressa,

consciente de que o mar o esperava, levou a pedra para dentro da canoa, alojou-a num canto.

Livre daquele ponto de apoio, a canoa recebeu uma marola mais forte e entortou, vindo de lado para a praia. O pescador entrou na água até os joelhos, endireitou a posição do barco. As marolas se tornaram mais fortes, o homem teve dificuldade em arrastar o barco para o fundo.

Ela percebeu. Foi até a proa, fez força, tentando empurrar a canoa. Era pesada demais. O pescador finalmente corrigira a posição, colocando a popa na direção certa, deu a volta por dentro da água e se juntou a Vera, na proa, para

empurrar o barco. Vera sentiu o cheiro daquele homem, molhado e suado.

Quando a canoa flutuou, liberta da areia, o homem deu um pulo, pulo de gato que salta para dentro do prato com comida.

— Obrigado, moça!

Vera continuou olhando a sombra do pescador e do barco sumir dentro do mar e da noite. Em pé, com um único remo, em golpes secos, quase silenciosos, ele fazia o barco deslizar para o largo, o barulho da água estraçalhada pela pá do remo ficava mais distante, até que, diante dela, só ficou a noite.

E um cheiro de homem molhado que a fez tremer: “Meu Deus, está

fazendo frio.”

Arrepiada, voltou para casa.

Q O PRIMEIRO DIA UANDO
ACORDOU, JÁ HAVIA GENTE
NA PRAIA, ALI EM FRENTE À
VARANDA. DEVIA SER TARDE.
VERA CATOU O RELÓGIO:
QUASE MEIO-DIA. COMO
DORMIRA TANTO! E SEM TOMAR
NENHUM REMÉDIO. NEM A
CLARIDADE A DESPERTARA —
ELA QUE SÓ DORMIA COM AS
CORTINAS FECHADAS, USANDO O
TAPA-OLHO QUE GANHARA NUM
AVIÃO DA AIR FRANCE, PARA
DESCANSAR DURANTE A VIAGEM.

E agora, sem nada sentir — talvez por isso mesmo — conseguia dormir até tarde, conseguia dormir tudo.

“Bolas, o pessoal já descobriu esse cantinho de praia... nesse verão vai ficar cheio de gente...”

Não podia ter uma praia particular mas dispunha daquele canto deserto, os fundos da casa davam para a areia, os cômodos voltados para o mar, a varanda de cimento vermelho acabava em cima da areia, a outra fachada — a que dava para a rua — era apenas uma parede, com as três janelas que nunca se abriam para evitar a poeira da estrada.

Vera ficou olhando o mar, lavado e azul àquela hora, com o sol em cima,

desfazendo os meio-tons que ela gostava. Entendia um pouco de luz por causa da profissão, os fotógrafos nunca trabalhavam àquela hora, à luz crua e perpendicular do sol. As melhores fotos, os melhores *takes* para os filmes de publicidade eram tirados pela manhã, ou à tarde, com a luz oblíqua, dourada e macia.

Só depois de algum tempo descobriu que Jorge não estava ali. Teria voltado para o Rio? Ou o carro estaria do outro lado, à beira da estrada?

Sem curiosidade, apenas para tirar a dúvida e arrumar seu dia, ela se levantou, contornou a cama, foi até o banheiro, de cujo basculante podia ver a

estrada. Suspendeu-se na ponta dos pés, não precisou subir no bidê para ver: lá estava, o para-choque traseiro do carro de Jorge, refletindo o sol como um espelho.

Aproveitou estar no banheiro e escovou os dentes. Teve dificuldade em tirar a pasta do tubinho amarelo, aquilo se ressecara, há quantos meses eles não vinham ali? E foi espremendo o tubinho amarelo, custando a despejar a tira branca em cima da escova, que Vera descobriu: também ela ficara mais velha — e tinha apenas 28 anos!

Estava bochechando quando, juntamente com o cheiro de dentifrício, sentiu outro cheiro: o café! Ainda bem, Jorge devia ter feito café, esperara ela

acordar, uma gentileza a mais ou a menos não mudava as coisas mas era bom saber que ali, em seu primeiro dia de liberdade, ela teria um café cheiroso, feito pelo marido.

Quando enxugou a boca, reparou que dormira de calcinha. O biquíni ficara pendurado num canto do boxe de banho, cheirava a mofo, também aquilo mofara, e não tinha levado sol, guardava um pouco de areia do verão passado, do sal e do mar, talvez do sal dela mesma, de seu suor e de seu gosto.

Na pequena cozinha, que fazia canto com a sala, Jorge ligava a torradeira na tomada.

— Cuidado! — avisou Vera —, esse troço tá dando choque!

— Já consertei — disse Jorge, sem olhar para ela. — Acordei cedo, fui buscar pão, café, açúcar, presunto, queijo... o café está na mesa.

Vera tirou a lasca de uma fatia de presunto, olhou bem, detestava o presunto das padarias locais, simples gordura sem gosto, mas também não podia reclamar, Jorge fora gentil.

— Como é? Não vai voltar para o Rio?

Jorge ligara a torradeira e colocara duas fatias de pão de forma para fazer torradas. Serviu-se de café, fez suspense para comunicar: — Não. Decidi ficar

uns dias. Também ando necessitado de umas férias... falei de manhã com a agência, perdi o negócio de ontem, o Vasconcelos...

— Corta essa! Não estrague o meu dia!

— Bem, perdi o negócio e agora a agenda ficou mais folgada, posso ficar uns dias com você, até a crise passar.

— Que crise? — Vera botava o café na xícara e nele despejava algumas colheres de leite em pó.

Jorge mastigava a torrada com calma, dono de si. Não tinha pressa, pelo menos, não tinha *mais* pressa.

— Pensei em tudo, Vera, e acho que você tem razão. Precisa descansar. E eu

também. Uns dias aqui em Búzios só podem fazer bem. Depois a gente entra no brinquedo com mais disposição.

— Eu não vou entrar em brinquedo nenhum. Quero que isso fique bem claro, Jorge: não voltarei mais. Se habitue a pensar nisso.

— Não vou discutir agora o problema. Mas se você insiste nessa ideia maluca, não é só o emprego que você joga fora...

Vera esperava, desde a véspera, que o marido tocasse naquilo: — Evidente que levei em conta esse lado. Não é apenas o emprego. É o casamento também. É você que estou jogando fora...

Jorge abaixou a cabeça. Vera sentiu pena dele e tentou ser menos crua: — Desculpe, Jorge, mas você sabe, eu decidi mudar *mesmo*, jogar pra cima o que tinha até então. Você estava no pacote, não foi jogado *fora*, foi jogado pra cima, entende?

— Entendo. Há lugar para mim em sua vida, desde que eu aceite seu jogo.

— Eu não estou jogando. Estou vivendo, ou melhor, pretendo viver daqui pra frente. Sabe, a pasta de dente ressecou dentro do tubo, parecia cola, tive de espremer com força até que saísse o creme... isso não significa nada para você?

Jorge riu: — Significa. Vou vender essa ideia à agência: o dentifrício que

não endurece dentro do tubo, descobrir um aditivo qualquer que impeça o endurecimento, e temos uma boa campanha. No fundo, sou um homem de criação.

Vera tomou o último gole e foi catar um cigarro. Jorge olhou-a no biquíni. Estava um pouco mais gorda, mais apetecível. Sentiu desejo pela mulher. Levantou-se também, a pretexto de procurar cigarro, se aproximou de Vera, agarrou-a pela cintura.

— Vem.

Vera tremeu. Sentiu uma fraqueza, não custava nada, dois, três passos e estaria na cama, teriam de fechar a

janela, havia gente na praia, apesar da distância poderiam ser vistos.

Sem se afastar de Jorge, ela curvou o corpo para pegar a ponta da janela e fechá-la. Foi quando viu, cortando a linha do quebra-mar, uma canoa que procurava acostar. Não reconheceu o homem: reconheceu o remo, único, encharcado de mar.

Afastou Jorge com jeito. Não, não estava com vontade.

CURIOSIDADE

Ela sentiu uma fisgada na pele: o sol a queimara naquele primeiro dia, seu corpo estava branco, exigência da profissão, era mais fácil maquilar o corpo sem cor para o caso de um anúncio que pedisse uma mulher queimada de praia.

Vera mudou de posição na areia, mas as costas também ardiam. O sol ainda estava forte e ela não armara a barraca.

“Bem, vou dar um mergulho. Depois comerei qualquer coisa, estou com fome.”

O rosto apoiado nos cotovelos, olhou em direção à varanda de sua casa. Durante parte da tarde, Jorge ali ficara,

tomando caipirinhas. Devia agora estar deitado, descansando.

Ela se levantou, desgrudou a areia que se colara nas coxas suadas, deu um mergulho, a água ficara gelada naquele início de tarde. Atravessou os cinquenta, sessenta metros que separavam o mar de sua varanda, a areia estava morna e gostosa sob seus pés. No peitoril da varanda havia uma toalha, ela se enxugou. Depois transformou a toalha numa espécie de saia, fechou-a com um nó à altura da cintura, em cima do osso que marcava o quadril. Pela janela que dava para o quarto, viu Jorge na cama, dormindo, o copo de caipirinha vazio no chão, os espremidos limões já secos.

Ela deu a volta por fora da casa e chegou à estrada. Ia entrar no carro, mas imaginou que dentro dele devia estar um forno, e, além do mais, precisava ir se habituando a viver sem carro. Não era longe o barzinho onde ela gostava de comer camarões torrados, posta de peixe com pão branco, a batida de limão ou caju.

Caminhou com cuidado, o chão da estrada não era macio como a areia da praia, havia pedrinhas, lixo, galhos secos que a machucavam.

“Devia ter trazido as sandálias. A sola do pé está fina, há muito tempo não ando descalça.”

Quando virou à esquina levou um susto que se transformou num sorriso: à sua frente, fechando o canto esquerdo da rua, havia um muro que ela conhecia, tinha o anúncio de uma loja local, em azul e branco. Alguém pintara absurdamente aquela parede, parecia um gigantesco embrião humano visto pelo microscópio, só que as cores não obedeciam o sentido do desenho (se acaso o desenho possuísse algum sentido). Predominava o marrom forte, enchendo praticamente o muro inteiro. No centro, manchas enormes como confetes, uns maiores do que os outros, em cores berrantes, que não combinavam entre si. E, quebrando a

longa superfície marrom, algumas lascas de vermelho e verde, jogadas sem critério, como se um pintor enlouquecido, depois de ter compreendido a droga em que seu quadro resultara, decidisse virar a mesa e destruir a própria obra, jogando fora — e a esmo — o resto de tintas que não usara.

Apesar da agressão de tantas e tão contraditórias cores, Vera sentiu que ali havia um ímpeto infantil, inocente, e foi por isso que ela sorriu.

Passou rente ao muro e tomou outro atalho, ia dar diretamente no barzinho que, na realidade, era um armazém sofisticado, um balcão, umas poucas

mesas que serviam aos fregueses. Nos domingos e feriados, vivia sempre cheio. Mas agora, num dia de semana, em início de temporada, estava vazio.

O dono a recebeu com alegria: — A senhora também veio? Pensei que só o dr. Jorge... ele esteve aqui pela manhã, pensei que estivesse sozinho...

Vera riu, para não dar resposta. Sentou-se num caixote que servia de cadeira. Encostou-se na parede, cruzou as pernas, cobriu com a toalha o pedaço de coxa que ficara à mostra. À sua frente, na parede oposta, havia um enorme *poster* já meio desbotado, dela mesma, vendendo a embalagem nova de uma cerveja. Na foto, estava de tanga — uma

tanga que só podia ser usada em determinados anúncios, cerveja, cigarro, pneus (por que os borracheiros gostam tanto de mulher pelada anunciando pneus?), produtos afins. Ela jogara a tanga fora, todas elas, e decidira que só posaria de biquíni. O diretor do estúdio foi sincero: “Você está engordando, Vera, tá ficando uma vaquinha...” Era verdade, em parte. No fundo, Vera não gostava das tangas, não sabia por quê, talvez porque achasse que só os borracheiros gostam de mulheres com tanga.

— Casimiro, me traz um chope... bem gelado, e algum grude pra comer.

— Tem siri... topa umas casquinhas?

— Não. Faz um misto-quente, com bastante manteiga...

Casimiro fez cara repugnada, misturar chope com sanduíche de queijo e presunto na manteiga, há gosto pra tudo.

— E umas azeitoninhas?

— Topo. Vê daquelas, pretas, com bastante tempero.

Casimiro foi providenciar o sanduíche. Um rapaz trouxe o chope, um pouco morno, a luz havia faltado durante a manhã, não houvera força para as geladeiras.

Quando Casimiro veio com o sanduíche, Vera roía o caroço de uma azeitona e se espantou pensando em voz

alta: — Quem é esse maluco que anda pintando os muros de Búzios?

Casimiro teve um jeito distante de responder: — Um guri que anda por aí... parece que é rico, largou tudo pra viver aqui...

— E vocês deixam que ele faça o que bem entende?

— É um jeito de ajudá-lo. Ele já se ofereceu para pintar essas paredes à maneira dele, implicou com aquele *poster* ali.

Casimira apontou para o *poster* onde Vera vendia a nova lata de cerveja.

Ela riu:

— Que que ele tem contra mim?

— Tem gente que gosta do que ele faz. Aqueles caras de São Paulo, que compraram a casa do dr. Renato, mandaram pintar o muro inteiro, são quase 15 metros de muro, o garoto está lá, trabalhando há uma semana...

Vera acabou o chope, deixou restos do sanduíche no prato: — Olha, Casimiro, eu vim pra demorar. Bota na conta.

Voltou à calçada. O sol morria lá para as bandas do Arraial do Cabo, o céu estava meio azul, meio cor-de-rosa, uma aragem ameaçava o frio gostoso do anoitecer.

Vera pensou em ir pra casa. Talvez Jorge tivesse acordado, ela agora toparia

fazer amor. Mas, quase sem perceber, foi andando em direção contrária, até encontrar o enorme muro de 15 metros, metade dos quais já estava coberto com aquela cor insistente e sombria, o marrom forte, cor de café, preparando a imensa superfície para o mural da sua curiosidade.

TONINHO

Não havia ninguém ali — pelo menos, foi isso o que ela pensou.

Vera conhecia a casa, o muro, que era até bonito quando ficava bastante sujo, roído pela maresia, pelo vento do mar.

Agora, um imbecil havia despejado naquela imensa superfície — quase 15, quase 18 metros de comprimento — um oceano de tinta escura, só que não era exatamente o mesmo marrom, o tom café. Ali, o muro ficara ocre, meio avermelhado, predominando a tonalidade escura. Não havia mais nada, a parede fora apenas preparada com as primeiras mãos de tinta.

Vera se aproximou, passou o dedo por um pedaço do muro, a pintura estava fresca, deixou em sua pele, embaixo da unha, uma sombra avermelhada.

Levou susto quando ouviu a voz: — Não meta o dedo onde não deve!

Ela se voltou. Viu à sua frente um rapaz, não podia ter mais de 18 anos. Vestia um calção de banho, o corpo estava tão sujo de tinta que parecia um prolongamento do muro: o mesmo tom ocre, avermelhado e escuro.

— Você é que é o gênio?

— Gênio é a sua mãe!

Ela não soube reagir à agressividade do rapaz. Limitou-se a dizer, em voz

baixa, sendo sincera: — Desculpe. Não quis ofender.

O garoto olhou para ela, sem ódio, sem curiosidade. Depois andou em direção a uma das extremidades do muro. Só então Vera reparou que ali havia bacias, latas, broxas, uma vassoura. Com evidente preguiça, o rapaz apanhou um pedaço de lona que estava jogada num canto, desdobrou-a lentamente, fez um lençol com ela e tampou o material.

— É para proteger. O vento seca a tinta e é um saco fazer nova mistura...

O tom agora era amistoso e Vera tomou coragem: — Já terminou?

O rapaz encarou-a, como se a olhasse pela primeira vez: — Por hoje sim.

Estou cansado, ontem trabalhei até tarde, quando estou ligado trabalho até de noite... sou o único pintor do mundo que consegue trabalhar sem luz nenhuma, só pelo cheiro, pelo tato...

— Também... pra fazer o que faz...

Vera olhou-o com dureza, para devolver o insulto recebido há pouco. Só então reparou que o rapaz era um cara muito estranho: tinha o rosto comprido, meio fora de esquadro. Estava tão queimado de sol que a pele era da cor da barba. A mesma cor dos olhos por sinal: tudo marrom, no mesmo tom dos muros que pintava. Ou apenas estaria sujo de tinta? Não, a obra em que agora trabalhava não tinha aquela cor, era ocre,

quase vermelho-escuro. O rapaz tinha a mesma cor dos outros muros que ela vira espalhados por Búzios. Vestido apenas com o calção, era todo uma cor só.

O rapaz percebeu que estava sendo examinado e não gostou: — É assim que você olha para os outros?

— Assim como?

— Como uma idiota.

— Pera aí! Que que há, guri? Por que está engrossando?

— Não engrossei nada. Não gosto que me olhem assim.

— Também não gosto que me falem assim.

— Eu estou quieto no meu canto, trabalhando, você vem piruar e não quer

ser atingida?

— Estou na rua. O muro está na rua. Posso andar por onde quero ou tenho de pedir licença ao gênio?

O rapaz deu um safanão na lona com que acabara de cobrir as suas latas: — Já disse que gênio é a mãe! Dê o fora!

Vera ia resistir, responder alguma coisa. Mas o rapaz olhou-a com tanta raiva que ela teve medo. Devia ser um louco, ou um drogado. O melhor era ir embora: — Tá bem. Mas olhe, se pensa que me assustou está enganado. Amanhã vou voltar, ficarei sentada ali, naquele canto, quero ver o gênio trabalhando!

O rapaz ainda estava abaixado. Apanhou terra do chão e atirou-a contra

Vera. Ela teve tempo de desviar o rosto. Então ficou realmente assustada: o rapaz devia estar com a cabeça baratinada, um viciado sem dúvida. Os olhos, apesar da cor que se confundia com a barba e a pele, pareciam brilhar — e não eram de ódio. Brilhavam de nada — olhos drogados.

Ela se afastou, sem pressa, embora temesse levar pelas costas outro punhado de terra.

Caminhou tão devagar que sentiu, por trás, a aproximação do rapaz: — Olha, moça, não leve a mal, mas não estou a fim.

Ele tomou a sua frente e a deteve com a mão suja de tinta e terra.

— Tire as mãos de cima de mim!

E antes que ele pudesse livrar o rosto, deu-lhe uma bofetada violenta, que não fez barulho porque a barba era muito densa, compacta, forte.

Vera correu. Agora sentia mais medo, o rapaz podia agredi-la, surrá-la, não havia ninguém perto, o local era deserto. Só depois de muito correr percebeu que não era seguida.

Já era quase noite em Búzios.

Passou pela lanchonete do Casimiro. Numa das mesinhas da calçada, havia três ou quatro fregueses tomando cerveja. Ela procurou se acalmar, estava agitada, reconhecia que alguma coisa escapara de seu controle,

talvez a corrida, o susto, a aspereza do encontro com o rapaz. Lembrou-se que precisava comprar qualquer coisa para o jantar.

— Casimiro, vê um pacote de espaguete, um vidro de ketchup, duas latas de sardinha... tem queijo ralado?

Recebeu o embrulho e desviou os olhos de Casimiro, para que ele não percebesse a sua confusão.

À luz amarelada, suspensa no teto alto, o *poster* em que ela vendia cerveja parecia mais velho e desbotado. Vera sorriu, para dentro. Precisava ter visto aquilo: ela, como havia sido até a véspera, para compreender que afinal voltara a ter emoção — medo, raiva,

orgulho, sabia lá o que — mas de qualquer maneira tivera uma emoção própria, dela, emoção não solicitada pelo diretor do comercial, pela agência de publicidade.

“Acho que ganhei meu dia!”

De repente se voltou: — Casimiro, qual é o nome do tal pintor de paredes?

— Toninho. Por quê?

— Vou pedir que ele pinte um muro lá em casa.

Casimiro fez um gesto sábio, resignado: — Se ele aparecer por aqui, dou o recado.

FIM DO PRIMEIRO TEMPO

Ela acabou de arrumar a louça — a pouca louça que usara para o jantar. Jorge comeu o macarrão em silêncio, mal tocou nas sardinhas. Ela estava sem fome, fez um sanduíche, guardou o que sobrou na pequenina geladeira embutida no armário que fazia a divisão entre a cozinha e a sala.

O marido achara um velho cachimbo, fumava agora na varanda, deitado numa pequenina esteira de palha. Chamou-a com autoridade: — Vera.

Ela entendia aquele tom de voz. Submissa, deitou-se a seu lado. A praia, que prolongava a varanda, estava deserta,

mergulhada na noite. Não havia lua, o mar não se distinguia na escuridão.

— Esse biquíni está velho... está quase rasgando.

Jorge tirou a pequenina peça do corpo de Vera. Ela se deixou amar, em silêncio, sem reação nem ação. Depois vestiu novamente o biquíni.

— Onde vai?

— Andar por aí.

O marido continuou deitado na esteira. Não disse nada.

Ela seguiu em direção à praia, procurou o local onde, na véspera, encontrara o pescador. Não havia ninguém. Sentou-se na areia, observando a noite que escondia o mar. De repente,

percebeu que um barco passava ao largo, uns dez metros além da linha de arrebentação. Mas distinguiu nitidamente o barulho dos remos, eram dois homens que iam pescar, forçou a vista até perceber que o barco era maior, mais complicado, havia até uma sombra no meio que podia ser uma vela recolhida ao mastro, ou mesmo um terceiro homem.

Ela se levantou, afundou o pé na areia, como se tivesse sido picada por um mosquito no calcanhar. Voltou para casa.

Encontrou Jorge na mesma posição, deitado na esteira, fumando o cachimbo. Ela tirou o biquíni e — aí sim, procurou-o com vontade. Jorge a recebeu

sem ressentimento: com um pouco de espanto.

Quando percebeu que ela tremia — Vera tinha um jeito dolorido de tremer quando sentia prazer — ele se sentiu novamente dono de si e de sua mulher: era o seu marido, o seu homem.

Falou baixinho, com a ternura possível: — Olha, Vera, vamos ser razoáveis. Se você quiser, eu fico mais uns dias, uma semana, dez dias, mas depois tudo continua como antes, temos nossa vida, não podemos entregar o ouro ao bandido...

Ele sabia que aquilo — dar o ouro ao bandido — sempre funcionava. Era uma senha, um código fulminante. Vera

sempre fora competitiva. Quando se sentia espigaçada pela concorrência, reagia sempre pra melhor, trabalhava mais, topava tudo.

Ela teve vontade de rir. Entregar o ouro ao bandido! Que os bandidos ficassem com todo o ouro do mundo. Não era mais a dela: — Jorge, você não compreendeu nada. Eu quero que você vá embora.

O marido não se assustou mas sua voz veio amarga, do fundo: — Eu não esperava isso... mas já que você quer, amanhã volto para o Rio... honestamente, não esperava ser chutado dessa maneira...

— Não estou chutando. Apenas você ficou num lugar e eu noutra. Não houve chute. Cada um na sua. Combinamos isso quando casamos.

— Nós nos amávamos...

Vera engoliu em seco. Talvez fosse verdade, talvez ela amasse Jorge naquela ocasião. Entre outras coisas, Jorge era uma espécie de garantia para não entregar o ouro aos bandidos. Sendo o melhor contato da agência, arranjava os melhores clientes, bolava as melhores campanhas. No fundo, ela usara Jorge para ser a melhor modelo da praça. Agora, quando jogava para o alto tudo o que fora até então, Jorge se reduzia a um macho comum, igual a qualquer outro. Sentia-se

má pensando assim, mas que fazer? Era ela, afinal, que estava rompendo a crosta pré-fabricada que a mantinha submersa.

E foi por aí que Vera começou a falar, espaçadamente, pensando em voz alta, mais para si própria do que para o marido: — Você está enganado. Você amou uma crosta que ajudou a criar, mas essa crosta acabou... Não pense que estou usando um truque, dei um basta mesmo, não volto pro Rio, não quero mais nada com aquele trabalho... odeio aquilo tudo, sempre odiei, você sabia disso, pelo menos devia desconfiar que eu detestava aquilo... era só atitude, precisava vencer o desafio, essas coisas que hoje não me incomodam mais...

Vou ficar aqui, vou viver aqui, até achar um troço melhor... Se você me deixasse sozinha seria melhor, eu andaria mais depressa... sei que no fundo concorda comigo, sozinha eu encontro melhor o caminho... mas não pense na possibilidade de uma volta, eu quebrei... ou melhor, quebraram a crosta... sabe, hoje fui agredida, quase me bateram na rua, jogaram um punhado de terra em mim... tive de dar um tapa... imagina se as outras modelos da agência soubessem a que ponto descii... Eu não considero isso uma queda, uma perda. Vou em frente, Jorge, e quero ir sozinha... ontem ainda aceitei que você viesse comigo... na pior das hipóteses, para me trazer de

carro, sabe que detesto dirigir na estrada... Estou sendo cruel mas é a verdade, seria pior se eu tapiasse, se eu escondesse... Vá embora, Jorge... não pense que assim esteja me ajudando a vencer a crise, isso não é uma crise... é uma vida, a vida...

SEGUNDO TEMPO

Ela acompanhou o ruído do carro, até que nada mais ouviu.

Na semiconsciência do sono, rolou na cama vazia, sabendo que, agora sim, estava sozinha. Percebera quando Jorge acordara, muito cedo ainda. Ele queria chegar logo ao Rio, já que não podia ficar ali, o melhor era aproveitar o dia, pegar o expediente da agência, por isso despertou de madrugada, ia pisar no acelerador, se tivesse sorte, se apanhasse a estrada desimpedida, às dez horas podia estar no escritório, como se tivesse saído de Ipanema, num dia normal.

Vera voltou a dormir, sonhou pedaços esparsos de uma infância que

não havia sido a dela, uma menina muito comprida e sem olhos, que brincava com bonecas cor de ocre numa canoa que tinha o feitio de uma carroça, o mar era de terra e ela batia no rosto das bonecas e ouvia um som que podia ser o ruído do carro de Jorge se afastando, ou a sirene de uma ambulância perdida nas ruas de uma cidade cheia de mortos, ambulância inútil e insistente — e assim dormiu até quase o meio-dia, quando percebeu que, na janela que dava para a praia, alguém estava olhando para ela.

— Oi!

Vera não compreendeu o que via. Mesmo assim, fez um gesto no vazio, procurando, para se cobrir, um lençol

que não havia — estava com os seios de fora, e ali na janela havia um homem.

— Passei pelo Casimiro, ele me disse que você queria trabalho, vim aqui combinar, adoro trabalhar...

Ela custou a descobrir quem era. Olhava e ouvia, sabia exatamente tudo e não compreendia nada.

— Desculpe, eu não sabia que você estava dormindo...

Ela não teve outro jeito. Levantou-se, apanhou a blusa que ficara jogada na cadeira, mas preferiu ficar como estava, não iria se despir diante do homem, já bastava estar de calcinha (deixa pra lá!), aquele tipo de calcinha era apenas um pouco menor do que o biquíni com o

qual andava nas praias e ruas de Búzios. No meio do sono, ela admitiu: — Eu falei com o Casimiro... mas...

— Se quer, passo aqui outra hora...

— Não, não, fique, vamos conversar...

Ela se sentou na cama. Sem querer reparou que o travesseiro que Jorge usara caíra no chão. Com a ponta, do dedão catucou-o para fora, com os dois pés puxou-o pra cima, até apanhá-lo com as mãos.

— Poxa, você me acordou de mau jeito... estou tonta...

— Passo aqui outra hora... ou você vai lá no muro, estou começando a

pintar agora, ontem você não chegou a ver nada, só estava no começo...

— O que vi deu para bastar... tanto que o contratei.

— Quer mesmo que faça alguma coisa pra você? Onde?

Vera esfregou os olhos, agora sim, conseguia ver o rapaz, era a mesma cara da véspera, só que lavada, sem o tom sombrio e sujo. Os olhos continuavam escuros, mas não eram castanhos como a pele e a barba. Pareciam cinzas, embora sem o embaciado, o tom sinistro que a assustara.

— Bem, de qualquer forma, desculpe a bofetada de ontem...

Agora ela se movimentava pelo quarto, à vontade, mesmo sabendo que o rapaz a observava. E quando se lembrou que vestira a blusa pelo avesso, não teve acanhamento em tirá-la e vesti-la de novo: — Roupa pelo avesso dá azar...

O rapaz sorria, meio idiotizado. Não parecia o mesmo.

— Acho melhor você entrar... ali pela varanda... enquanto vou lavar o rosto. Topa um café?

— Topo. Mas estou na hora de almoçar...

Vera foi ao banheiro. Notou que Jorge deixara, no pequenino armário da pia, uma nova pasta de dentes. O tubo antigo, cuja pasta endurecera, estava

jogado na cestinha ao lado. Sentiu-se bem quando a espuma cresceu dentro de sua boca, com um aroma novo. Realmente, ela iniciava alguma coisa de novo, em sua boca, em sua vida.

Toninho havia entrado, não ficara na varanda. Como a porta estava aberta, ele preferiu deitar na rede que cortava em diagonal o canto esquerdo da sala. Parecia que faltava carne em seus lábios, por isso aparecia um pedaço dos dentes, dava a impressão que sorria, meio abobalhado, não era exatamente um sorriso, mas um defeito nos lábios que a barba espessa nem sempre escondia.

Vera não o olhava, preocupada em ferver a água para o café. Mesmo assim,

percebia tudo, melhor do que na véspera, quando o olhara frontalmente.

— Quantos anos você tem? Dezoito, não?

— Como acertou?

— Acertando. Mora sozinho aqui?

Nunca tinha visto você em Búzios.

— Empatou! Eu também nunca tinha visto você. Mas sua cara não é estranha. Nem o seu corpo...

— Acho que você já me viu... e não gostou... lá na lanchonete tem um *poster*...

— Você é aquela dona careta?

Vera perdeu a paciência:

— Peraí! Você tem 18 anos e acha que pode me pichar? Qual é a sua?

— A minha é esperar o café. Você me ofereceu café e trabalho. O resto deixe por minha conta. Falo, pinto e vivo como quero. Há algum grilo nisso?

— Pensando bem, não. Eu também quero fazer o mesmo... Boto açúcar?

— Bota bastante. Não topo gente que tem essa frescura de usar gotinhas...

Vera trouxe as duas xícaras, apanhou uma torrada que Jorge fizera e não comera. Mordeu um pedaço, ofereceu ao rapaz, ele fez cara de nojo: — Já estou saindo da minha tomando esse café. Torrada não. Vou almoçar daqui a pouco.

Vera sentiu que era hora de combinar o trabalho: — Sinceramente,

não sei ainda o que vou pedir para você pintar... nem sei se gosto mesmo do seu trabalho... mas senti curiosidade... Acho que você pinta livremente, embora o resultado seja uma porcaria.

— Não é porcaria! — Toninho respondeu sério, o sorriso idiota na boca.

Vera teve coragem de falar o que pensava: — Vem cá, por que aquela agressão de ontem?

— Eu estava pirado. Já pedi desculpas.

— Você está sempre pirado?

— Não. Só às vezes. Estou deixando o fumo... praticamente já venci essa fase, ontem fumei porque me deu depressão, aquele muro é o

mais comprido que já pintei e não tenho ainda um esquema para fazer o que pretendo...

— Eu pensava que você pintasse sem esquema... você mesmo disse que vive sem esquema nenhum...

— Isso já é um esquema, certo? Não sei o que me deu ontem, ali pelo fim da tarde fumei dois cigarros. Foram os últimos da minha vida.

— Como sabe? Já deve ter fumado muitas vezes os *últimos cigarros* de sua vida.

— Dessa vez eu tenho certeza. Sabe por quê? Uma mulher me deu um tapa no rosto... e eu não reagi, não fiz nada...

— Isso prova alguma coisa?

— Prova. Eu precisava de alguém que me desse um tapa na cara.

— Enquanto estivesse pirado?

— Sim... e mesmo se não tivesse. Sempre fiz o que quis, entende? Nunca dei a ninguém o direito de me bater na cara...

— Mas com 18 anos... o mundo ainda não começou pra você....

Toninho acabou o café e cortou: — Olha, eu vim combinar trabalho. O Casimiro me avisou, procura a Vera, ali na praia, tal e coisa, trabalho bom, ela paga bem... estou aqui, não podia imaginar o que fosse... você é muito bonita dormindo, já fez alguma foto dormindo?

— Já. Fiz uma foto, dois anos atrás, foi proibida pela censura. Era anúncio de um lençol para dois, havia um homem na cama, a censura vetou, foi um prejuízo para a agência... mas eu recebi o meu...

— Detesto os profissionais. Não têm caráter.

Vera olhou o rapaz de alto a baixo. Embora não estivesse sujo, dava a impressão de que as tintas haviam penetrado nele.

— Nota-se. Sabe que invejo um rapaz como você? Um dia eu conto por que, se ficarmos amigos.

— Olha, quero deixar uma coisa bem clara. Não pense que ficaremos

amigos. Não estou nessa. Não quero ter amigos, muito menos amigas.

— Poxa! O que está fazendo aqui, na minha sala, deitado na minha rede, tomando o meu café?

Por um momento, Vera viu no olhar de Toninho aquele mesmo tom opaco que a assustara na véspera. Ele falou com voz séria, mas calma: — Você é... é uma espécie de cliente, de freguesa... nada mais do que isso... quando quero, também sou profissional...

“**N**A ESPERA ãO LARGUEI TUDO
PARA, NO FIM, SER
INSULTADA POR UM PIRRALHO!”

Quando ficava tensa, sem coragem de prosseguir em seus pensamentos, Vera se distraía com aquela frase que não chegara a pronunciar em voz alta, naquela primeira manhã, logo depois da partida de Jorge e da súbita aparição de Toninho.

Lembrava a cena: o rapaz deitado na rede, acabando o café, e marcando as distâncias, as fronteiras do relacionamento, cliente e freguesa, amigos uma ova, trabalho apenas, e ela se sentiu na outra ponta da corda, tantas

vezes dissera aquela frase para outros homens, nada de envolvimento pessoais, realizo as tarefas combinadas, vocês me pagam, tchau, passe bem, cordiais saudações.

Não esperava ouvir aquela mesma frase, voltada contra ela. Bem verdade que não chegara a propor nada, nem mesmo amizade, apenas um relacionamento amistoso. Começava mal a sua fase de mulher sozinha e liberta. Largara tudo e ali estava, remoendo a frustração de ter sido malcompreendida por um garoto. Um garoto que a intrigava.

Desde que decidira tratá-lo da forma combinada — simples relação de

trabalho — ela se formalizara, mostrara a parede lateral da casa, cuja metade dava para a praia. A pintura, que fora branca há muitos anos, estava descascada, cheia de manchas deixadas pela umidade. Toninho olhou a parede, talvez cinco ou seis metros quadrados, combinou o preço, Vera topou: — Quero aquele fundo igual ao do muro... aquele que você pintava ontem...

— Isso quem decide sou eu — respondeu Toninho, voltando ao tom amistoso. — Cada muro, cada parede tem o seu lugar exato no espaço, pede uma cor nova, um novo desenho, compreende?

— Pra mim, todos os seus muros e paredes são a mesma coisa. Só aquele que vi ontem parece diferente, tem uma cor ocre, já vi aquilo em Roma, as casas de lá têm todas aquela cor... Conhece Roma?

— Não.

Depois disso, quase nada falaram....

Todos os dias, ela ia ao muro antigo, para vê-lo pintar. Juntava crianças vadias de Búzios, ajudavam Toninho a misturar tintas, não parecia trabalho. Ele se agitava alegremente, lambuzado com as tintas mais berrantes, às vezes ficava todo vermelho, outras azul, mas a sua cor habitual era sempre aquele ocre-tijolo, cor de sua barba, de sua pele, de

seus olhos que, apesar de tudo, eram cinzas.

Cumprimentava Vera, mas não se incomodava com a presença dela ali. O mais estranho é que a obra avançava aos pedaços, passava um dia pintando uma rodela azul, no dia seguinte transformava a rodela azul em amarela, aumentava o seu volume, cortava-a com paralelas roxas — um louco.

Ela torcia para que Toninho acabasse logo com aquele raio de muro e começasse a sua parede. Praticamente, Vera só ficava em casa para dormir, o resto do dia passava ali, vendo Toninho no meio das crianças, naquele mutirão colorido e absurdo que, afinal, era pago.

Bem-pago por sinal, ele gastava muito dinheiro com tintas, vivia lá para as bandas da Ferradura, nunca fora claro no assunto, parecia que morava numa antiga cabana de pescadores, mas Casimiro garantia que Toninho era filho de gente rica, do interior de São Paulo, dera um basta na sua vida de garotão provinciano e viera para Búzios, viver em liberdade.

Era o que ela também fazia. Ou melhor, que tentava fazer, mas não conseguia. Não estava livre, mas presa, amarrada à estranha fascinação que sentia por aquele muro, por aquelas cores, por aquele rapaz.

Nem dera pelo tempo. Já fazia uma semana que Jorge partira, que ela abandonara tudo... e nem se dera ao trabalho de ligar para o Rio. Mais cedo ou mais tarde teria de telefonar para Jorge, o dinheiro acabaria dali a cinco, seis dias, ela não trouxera cheques, e precisava montar sua nova vida, não podia viver sem fazer nada. Nem sair pelas ruas e praias de Búzios, como Toninho, com uma broxa na mão, pintando paredes e muros. Recusava criar um sistema, um esquema para si.

“Quando o dinheiro acabar, vou pensar no assunto.”

Deixava o tempo passar.

Na oitava noite, acordou de repente, assustada. Olhou para a janela: teve a impressão de ter visto um vulto que logo desapareceu.

Chegou a gritar: — Toninho!

Ninguém respondeu. Ela saiu da cama, foi para a varanda. Esperou no escuro. E no escuro viu, cortando as ondas pequeninas que vinham morrer na praia, a silhueta de um barco, o homem de um remo só, cavando fundo na água, buscando o mar largo que se escondia na enseada da noite.

E A ONDA M DUAS SEMANAS, O MURO ESTAVA PRONTO. VERA OLHOU, EXAMINOU BEM E HONESTAMENTE NÃO SABIA SE GOSTAVA OU DETESTAVA AQUELA AGRESSÃO VISUAL, ALI PERTO DA PRAIA, RECORTADA CONTRA O CÉU AZUL. TONINHO EXAGERARA: ERA LOUCO OU GÊNIO? EVIDENTE, NEM UMA COISA NEM OUTRA. APENAS UM GAROTÃO QUE SE DISTRAÍA COM AS TINTAS, USANDO-AS COM A LIBERDADE, A

IRRESPONSABILIDADE DE UMA CRIANÇA.

Naquele sábado, ela chegou pela manhã. Sabia que o muro já estava pronto, mesmo assim foi verificar se havia alguma novidade. Num canto, Toninho recolhia suas bacias e latas, fazendo um embrulho complicado, o pedaço de lona servindo de improvisada trouxa.

— Acabou mesmo?

Sem se virar, agachado ainda, procurando dar o nó que prendesse o embrulho, Toninho confirmou: — Acabei. Segunda-feira começo a pintar a sua parede.

Naquela hora, não havia crianças por perto. Os dois estavam sozinhos.

Vera reclamou:

— Você disse que tão logo terminasse esse muro ia trabalhar lá em casa. Que que houve?

— Nada, ué! Apenas vou tirar um descanso. Tenho de ir a Cabo Frio tratar uns troços, volto amanhã à noite. Segunda-feira, bem cedinho, meto os peitos lá na sua parede.

Ele se levantou, como se lembrasse de alguma coisa: — Escuta, nós não combinamos o preço. Tou precisando de grana.

— Você é quem sabe. Dois, três mil cruzeiros?

— Dois e quinhentos, tá bom? Ficamos no meio. Eu queria levar algum adiantado, sabe, a viagem, hotel... não gosto de Cabo Frio e embora tenha amigos lá, nunca fico na casa deles. Prefiro a pensão.

Vera pensou rápido. Não tinha aquele dinheiro. Há duas semanas não conseguira se fixar em nada, nem sequer passara pelo banco, para ver se Jorge havia feito algum depósito. Agora, só na segunda-feira podia quebrar o galho.

— Passe na hora do almoço lá por casa. Eu arranjo a grana.

Saiu baratinada. Naqueles dias todos, Toninho a tratara como uma freguesa, a consumidora que ele, no fundo,

desprezava. Ela passara manhãs e tardes olhando o rapaz, sujo de tinta, sempre cercado de crianças, trabalhando no imenso mural que não significava nada. Ele decidia na hora todos os problemas. Certa vez, não havia tinta vermelha: ele parou numa grande rodela que parecia um pandeiro, no centro do “quadro”.

— Cadê o vermelho? — perguntou.

— Acabou — disse um dos meninos que o ajudavam.

No mesmo instante mudou de ideia: — Então manda o azul, o azul forte, aquele ali.

E a rodela, que havia começado vermelha, acabou azul. Louco? Gênio?

Gozador? Ou coisa nenhuma?
Provavelmente isso: coisa nenhuma.

“Bem, o problema é dele. O meu problema é que há duas semanas estou aqui e esse muro cresceu tanto dentro de mim que agora não posso ficar sem ele. Sem ele, Toninho, não o muro. Muro por muro, terei o meu, lá em casa. Não, não estou apaixonada por esse garoto. Mas ele parece que escolheu o lado certo, está mais perto da verdade. Eu devia ter feito isso, quando tinha a mesma idade dele. Já gastei muito tempo, mesmo assim vou tentar.”

No caminho para a lanchonete, ela descobria que nada havia feito de

concreto até então, a não ser abandonar o Rio. Ficara pastando, sem rumo, sem decisão. Lembrou-se do rapaz, sempre decidido, azul no lugar do vermelho, não perdia tempo se complicando.

“Com 18 anos é fácil.”

Nada sabia a respeito de Toninho, fiapos esparsos da vida dele não davam para compor uma história. Duas ou três vezes ela tentara forçar, arrancar pedaços do passado, pais, família, estudos, ele não respondia, dizia sim ou não, ficava nisso.

Uma tarde, ela tentou segui-lo, para ver onde ia depois que caía a noite. Muitas vezes, mesmo sem luz, ele continuava pintando, “sou o único

pintor do mundo que não precisa de luz para pintar”. Ela bateu em várias biroskas, procurou em todos os bares — nada. Quando largava o muro o rapaz se evaporava.

“Vai ver que é tripulante de discovoador. Quando a noite cai, ele retorna ao estado gasoso e desaparece. Na manhã seguinte, se corporifica outra vez.”

Sabia que Toninho morava numa antiga cabana de pescadores, perto da Ferradura, mas não tinha coragem de ir lá.

Entrou na lanchonete que estava vazia.

— Casimiro, preciso que me quebre um galho. Minha conta tá alta?

— Um pouco, Vera, o normal. Quando o dr. Jorge passar por aqui ele liquida tudo, não se preocupe, vocês são fregueses de caderno...

— Mas é que... estou com um problema e não tenho dinheiro. Pode me emprestar dois mil e quinhentos cruzeiros? Bota na conta.

Casimiro respirou fundo. Ele não esperava pela facada, nada demais que fiasse as despesas da casa, Jorge liquidaria tudo sem olhar os assentamentos, não reparava numa Coca-Cola a mais ou a menos. Agora, soltar dinheiro vivo era outra coisa. Mesmo assim, não podia negar um pedido de Vera que, até certo ponto, era

uma atração da casa. Muitos babacas vinham ali porque Vera frequentava o local, valorizava o negócio, a modelo mais fotografada do Brasil, a TV e as revistas jogavam na cara de todo mundo aquela silhueta que era um logotipo de sabonetes, bicicletas, cadernetas de poupança, biquínis.

— Não tem problema. Agora de manhã, ainda não tenho isso na caixa, ontem fiz o depósito no banco, só na segunda posso sacar. Mas no fim da tarde já terei o dinheiro. Pode esperar até lá?

Não, não podia esperar, precisava já, uma emergência.

Casimiro olhou sério para a moça. Pensou uma porção de coisas mas nada

tinha com a vida dos outros. Seu problema era servir a moça. Foi à caixa, bateu numa tecla, a gaveta saltou, contou as notas, não chegava a dois mil. E não podia ficar sem troco.

— Vou dar um jeito. Espere um pouco. Fique olhando a casa que volto já.

Casimiro saiu da lanchonete, atravessou a rua, dobrou a esquina onde havia um muro pintado por Toninho, tomou a direção do açougue. Cinco minutos depois estava de volta, com um dinheiro sujo, que fedia um pouco a carne e a sangue: — Arranjei com o Couto, do açougue.

— Obrigada, Casimiro, você é uma mãe!

Vera saiu correndo, de volta ao muro.

Toninho não estava mais lá. Sumira com a trouxa, as latas e tintas.

Olhou então, como se fosse a primeira vez, para o enorme muro pintado naquelas duas semanas. Só assim, sozinha, reparou que o trabalho tinha um sentido: parecia uma onda, onda enorme e cor de ocre que se levantava contra uma porção de objetos, tragando tudo mas conservando, cada coisa, em seu lugar, em sua cor.

DESENCONTRO E ENCONTRO

Correu para casa. Sabia que o encontraria lá. De longe, viu o que queria: na varanda, o desconjuntado embrulho com as latas de tinta, coberto pela lona. Teve um pensamento tranquilizador: o rapaz talvez estivesse na praia, aproveitava a folga de sábado, o sol gostoso e mergulhara ali. Havia gente no trecho, algumas barracas que anunciavam a chegada do verão, veranistas vinham sempre de barraca, traziam complicadas cadeiras para a praia, uma parafernália idiota.

Olhou em direção ao mar, onde havia algumas pessoas dentro da água.

Procurava distinguir o rosto barbado de Toninho.

— Ei, moça!

Ela se voltou. Ali na varanda, ao lado da trouxa, estava um dos meninos que ajudavam Toninho. Era um negrinho simpático, de uns 11 anos, se chamava Gibi.

— Que que há, Gibi? Cadê o Toninho? Preciso falar com ele.

— Ele trouxe o material e pediu para que esperasse aqui.

— Mas eu precisava...

— Toninho disse que podia me dar o dinheiro... são dois e quinhentos...

Vera ficou furiosa. Apanhou o dinheiro, que continuava úmido das

mãos do açougueiro.

— Toma! Vê lá se vai perder!

— Sou de confiança do Toninho! —

disse Gibi.

O guri ia saindo. Vera gritou: — Ei, espera! Onde ele está?

— No posto do Gonçalves... preparando o calhambeque para ir a Cabo Frio...

Vera nem sabia que Toninho tinha carro. Nada podia fazer, a não ser esperar pela segunda-feira.

Tentou ficar na praia, mas os veranistas a irritavam. Deu uma caminhada em direção à praia dos Ossos, subiu numa pedra, ia tomar o caminho pelo meio do mato mas se lembrou de

que o trajeto era perigoso, três anos atrás, uma alemã que vendia tabuleiros de gamão pelas praias de Búzios foi passar por ali, escorregou na pedra, caiu lá embaixo, nunca mais apareceu.

Voltou pelo mesmo caminho e decidiu dar uma espiada no posto do Gonçalves. Chegou tarde: ainda de longe, ouviu o ruído de um motor medonho, depois viu um carro que parecia feito a mão, lata velha e colorida, muro móvel, bem no estilo de Toninho. No meio da fumaça, rodeado de crianças que pegavam carona, Toninho conseguia fazer aquela droga andar, levantando poeira na estrada, sumindo em direção a Cabo Frio.

O dono do posto também a conhecia.

— Ei, dona Vera, alguma coisa com o Jorge? Ele não tem aparecido?

— Trabalho, Gonçalves. De repente ele pinta por aí. De quem é o calhambeque que saiu daqui?

— De um louco que anda por aí, pintando muros. Rapaz decente, tava me devendo uma grana e pagou tudo.

Só então Vera reparou que o maço de notas amarrotadas e sujas do açougue estava agora na mão do dono do posto.

— Bem, quando Jorge aparecer ele paga aquela conta do verão passado — ela se lembrava daquela dívida. Gonçalves fez um gesto generoso: — Não se preocupe.

Não tinha mais nada o que fazer naquele sábado. Como passar o tempo? Ela se perdera novamente, se escravizara a uma rotina: ir todos os dias ver o rapaz pintar o muro. Pintar o mundo. Aquilo a fascinava, a irritava também. Mas sem o muro, sem Toninho, Búzios era um vazio que ela precisava encher com ela mesma.

“Vim porque quis. Deixei tudo para viver assim. Não posso me amarrar a nada. Tenho dois dias ‘livres’” — e sorriu ao pensar que, na realidade, só agora ela devia estar se sentindo livre, desde que largara tudo no Rio.

Caminhando sem pressa, tomou um atalho que ia dar na colônia de

pescadores. Há muito não ia para aquelas bandas. Nos primeiros tempos, logo depois de terem comprado a casa, ela e Jorge recebiam amigos, iam cedo comprar peixe nas canoas que voltavam do mar, eram mais frescos e baratos, faziam moquecas, peixadas — vinha gente do Rio, pessoal da agência, passar o fim de semana com eles.

Agora — e há muito tempo já — ela se reduzira ao essencial, o espaguete com sardinha em conserva, sanduíches encomendados no Casimiro, vez ou outra uma feijoada em lata, o grosso eram as pizzas, os hamburguers da lanchonete.

Os barcos ali estavam, secando ao sol, cobertos com palmas de coqueiros para não ressecar a madeira. Algumas redes estendidas, o cheiro forte de mexilhões, e visgos de sangue perto da pedra onde os pescadores tiravam as escamas e tripas dos peixes que vendiam. Não havia ninguém. Mais para o lado, algumas pequenas cabanas, onde moravam os pescadores solitários, que não tinham família.

Vera procurou entre as canoas a que fosse menor. Todas eram grandes, precisariam de remos, muitos remos ou mesmo de motor para se fazerem ao largo. Já estava indo embora quando percebeu que, lá longe, embicado para a

praia, um barco se aproximava, puxado por um só remo.

O HOMEM

E la esperou.

Sentou-se na areia, num local distante das outras canoas. Ficou observando o barco: era pequeno, mal cabia a rede que crescia do bojo, como a parte superior de um pudim inchado no forno. Na popa, bem-firmado, o homem afundava o remo compassadamente, mantendo a velocidade igual e persistente. À medida que se aproximava, Vera percebia o seu busto nu, sua calça arregaçada até os joelhos.

Ele parecia não olhar para a praia. Mas a canoa fez uma pequena correção de rumo e embicou para o ponto onde Vera esperava.

Quando venceu a pequenina arrebentação de ondas, o homem deu uma remada mais forte, impulsionando a canoa até a praia, para a proa encalhar na areia. Com um salto breve, pulou para fora. Sem pressa, repetindo um gesto antigo, mecânico, apanhou de dentro do barco a pedra que parecia um paralelepípedo, onde amarrara a corda de *nylon*. Jogou a pedra quase em direção à Vera. Depois, começou a mexer na rede, abrindo um espaço no ventre do barco. Apareceu um cesto redondo e raso. Depois, começou a apanhar peixes do fundo, nada de especial, coisa pequena, só no final, quando o cesto estava cheio, o homem retirou de um outro

compartimento o peixe maior, gordo, de escamas prateadas.

Tudo aquilo fora feito num ritmo estranho, como se ele não tivesse o que fazer com os peixes, nem desse importância a nada, nem percebesse aquela mulher que ali estava, sentada, à sua espera.

“Esses caras aqui são meio pirados!”

Vera deixara os estúdios, as agências de publicidade, onde se habituara a um tipo de macho, todos se voltavam para ela, todos — de certo modo — a disputavam. E ali, na sua segunda semana de Búzios e liberdade, dois homens nem davam por ela, nem sabiam que ela era *especial*.

“Bem, se Maomé não vem à montanha, a montanha vai a Maomé!”

Ela se levantou, também sem pressa, aproximou-se do barco, rodou-o de todos os lados, examinou o cesto com os peixes — o pescador estava entretido em retirar a rede, levá-la para um canto da praia, longe da arrebentação, a fim de estendê-la e secá-la ao sol.

Quando voltou, continuava sem dar pela presença da mulher.

— Mixaria hem? Passou a noite toda e só pescou isso?

Ele olhou sem surpresa para a moça: — Quem disse que passei a noite pescando?

— Você sai sempre de noite... eu vi no outro dia...

— Hoje saí de manhã, pouco antes do sol nascer. E tive sorte, apanhei um robalo. Amanhã não preciso pescar.

— Vai fazer o que amanhã?

— Ainda não sei. É da sua conta?

— Não. Desde que não fique parado na minha janela, olhando para o meu quarto...

Ele parou o gesto: estava tirando água do barco com uma pequena latinha de óleo de cozinha: — Você é a mulher mais bonita que vi na minha vida.

Vera riu. Já tinha ouvido aquelas mesmas palavras muitas vezes, em

diversas situações, mas não com aquele tom, com aquela verdade.

— Você vê televisão? Lê revistas?

— Não. Não gosto disso. Só gosto de mar. Pesco porque é a única coisa que sei fazer e preciso comer todos os dias.

Era um homem de quarenta anos, mas tão conservado, tão natural que parecia ter a idade dela, ou menos ainda. Não estava queimado como Toninho, que também passava o dia ao sol. Ele tinha a pele crestada, quase negra, embora os cabelos fossem louros. Os olhos eram verde-água. Talvez um mulato claro, atlético, se não vivesse com o corpo exposto ao sol do mar,

pareceria um bailarino de conjunto folclórico.

— Você come todos os dias? Curioso, eu também. E hoje não tenho o que comer...

— Tenho um peixe... mas vai demorar...

Ele acabara de esvaziar o barco. Passou por ela e deixou, em torno, aquele cheiro que ela sentira, na primeira noite que o vira: suor, sol, sal, homem.

Vera olhou-o tão fortemente que ele compreendeu: — Vem!

Q A CHUVA UANDO A NOITE
CAIU, ELA SENTIU UM
ARREPIO NO CORPO. A PORTA
DA FRENTE — QUE DAVA PARA O
MAR — FICARA ABERTA E POR
ELA ENTRAVA UMA ARAGEM
FORTE QUE TRAZIA O GOSTO DO
MUNDO. VERA SE ENDIREITOU,
ESTAVA DEITADA NO CHÃO, UMA
VELHA ALMOFADA SERVIA DE
TRAVESSEIRO. A SEU LADO, O
PESCADOR DORMIA.

Do lado de fora, vinha um cheiro de
peixe, feito na brasa. Eles mesmos

havam feito tudo, ela fora à lanchonete, trouxera um pouco de vodca, gelo e limão, fizera caipirinhas enquanto ele virava e revirava o robalo nas brasas que o vento da tarde avivava.

Depois, se amaram, mais uma vez, em silêncio, e dormiram, abraçados, no chão de cimento da cabana que ficava em cima de uma pequena duna de areia, afastada das demais, um pouco oblíqua em relação à praia.

Só quando ficou em pé, e olhou a seus pés aquele homem que ainda dormia (aquele estranho homem que ela não conhecia nem amava), teve o pensamento idiota: “É a primeira vez que traio meu marido. Fui cantada de

todos os modos, me ofereceram mundos e fundos e eu vim aqui, com meus próprios pés, pegar esse homem que nem sequer me ama, nem sabe quem sou.”

Procurou a roupa, vestiu-se sem fazer barulho, não gostaria que o pescador acordasse.

“No fundo, era isso o que eu queria. Estou tendo e estou sendo o que quero.”

Apesar do cuidado, ela esbarrou numa cadeira e o homem acordou. Tinha um sono cansado e livre, sem remorsos nem ambições, sono de animal sadio e bastante.

Ele não se assustou. Olhou-a sem queixa: — Vai embora?

— Vou. Deixei a casa aberta, quero ver se está tudo em ordem.

— Quem vai roubar sua casa?

— Na varanda ficou uma trouxa de tintas, o pintor deixou lá, preciso botar pra dentro.

— Quer ajuda?

— Não. Obrigada.

Saiu da cabana, desceu a pequena duna, pegou a estrada, passou pelo posto de gasolina, viu gente na calçada da lanchonete, muita gente reunida, veranistas que faziam barulho e tocavam violão, ela tomou o caminho da praia.

Entrou pela varanda. A trouxa ali jazia, inerte, cheirando a tinta. Cheirando a Toninho.

Com os pés, empurrou-a para dentro da sala.

Depois tomou banho de chuveiro — o mar devia estar frio, o vento era mais forte agora, talvez caísse temporal.

Foi pensar nisso e ouviu o trovão. Para os lados do Arraial do Cabo o céu azulara. Quando saiu do chuveiro (apesar do banho e do sabonete inglês que trouxera do Rio, a sua pele continuava cheirando ao homem, ao barco cheio de peixes), o temporal se armara.

“Droga! Tenho medo de raios!”

Sentiu raiva de Jorge. E um pouco de fome.

“Dou um pulo no Casimiro, aturo aquele pessoal, belisco qualquer coisa, o peixe que ele preparou estava quase cru, comi pouco...”

Ela quase deu um grito: “Poxa! Nem sei o nome dele!”

Um raio caiu no mar. Ela fechou os olhos quando, na verdade, queria fechar os ouvidos. O ruído do trovão a eriçou, como um bicho que é catucado com fogo.

“Diacho! Isso vai piorar. Tenho de andar depressa se quiser comer qualquer coisa...”

Deu um pequeno grito. O trovão impedira que ela ouvisse: ali na sua sala,

segurando um embrulho, estava o pescador.

— Levou susto? — perguntou ele.

— Eu não vi você chegar...

— Hoje não vou sair para pescar. O temporal vai ser brabo. Trouxe uma pizza para a gente comer mais tarde...

— Mais tarde?

— Quando der fome...

Colocou o embrulho em cima da mesa. Vera ainda estava enrolada na toalha. Ele a segurou com suas mãos salgadas. Com um ligeiro puxão arrancou a toalha.

Vera tremeu, de frio. E vontade.

A chuva veio forte. Diante da janela aberta, a água caiu em franjas líquidas e

grossas.

— Tá com fome agora? — perguntou o homem.

— Estou. Vou botar a pizza no forno.

Ia se levantar mas o homem a segurou pela cintura: quando ela caiu para o lado, mais uma vez amada, perguntou baixinho: — Como é o seu nome?

— João — respondeu o homem, como se mentisse.

VIDA CURTA E GROSSA

— Nasci aqui mesmo, em Búzios, não gosto de falar, mas agora é diferente, com você eu me sinto bem, não converso com ninguém, sim, meus pais também eram pescadores, pai e mãe, antigamente havia isso, a canoa, saíam os dois, e traziam peixe, vendiam a um sujeito que vinha, de manhã, com a catraia cheia de gelo, explorava a gente, quando nasci minha mãe deixou de acompanhar meu pai, até que ele morreu, uns diziam que foi facada no alto-mar, questão de mulher, outros que foi a onda, de surpresa, ali naquelas pedras, em Manguinhos, antigamente eu queria

investigar isso, saber como tinha sido, mas desanimei, mulher ou onda dava na mesma, preferi não falar nem perguntar nada, tanto fazia, não ia ressuscitar meu pai, nem sou de vinganças, o ódio é inútil... a mãe deu duro para me criar, até que foi tentar a vida em Cabo Frio, empregada dos veranistas, ela trabalhou no pesado três meses, eu ficava no chão da cozinha, sentia falta do mar, da praia, mas a família era boa, ou parecia boa, quando foram embora, não sei o que deu neles, quiseram me levar, a mãe não fez muita questão, deixou que eu fosse, eu tinha uns cinco anos, era magrinho, doente, fui para o Rio, casa de rico, enorme, muita gente, muitos

empregados, eu era um meio-termo entre os empregados e os filhos da casa, ia à escola, comia melhor, mas no fundo vivia mesmo com os empregados, até que cresci, aos 15 anos, a filha mais velha do casal se meteu comigo, topei transar com Ivone, tinha medo que me mandassem embora, até que a mãe da garota nos pegou, me ameaçaram com a polícia, iam me expulsar dali, mas depois arranjaram as coisas, nem entendi direito o que aconteceu, a menina é que foi embora, estudar na Europa, eu fiquei, fiz ginásio, aprendi uma porção de coisas, tinha jeito, pensei até em estudar medicina, namorei uma vizinha, filha de general, sabia que de repente aquilo tudo

ia acabar, um pressentimento, acho que os donos da casa tinham raiva de mim, não me perdoavam, mas eram orgulhosos, precisavam guardar as conveniências, não passavam recibo, nem eu, no fundo havia desprezo e raiva deles por mim, aos poucos, também fui me enchendo deles, pode parecer ingratidão, mas há uma forma de fazer caridade que ofende a gente e eles eram perfeitos nisso, chegaram a me prometer o curso de medicina, tudo tem um preço, eu pagaria a meu modo, ficando quieto no meu canto, fazendo pequenos serviços domésticos, até que a garota voltou, casada com um gringo que não era de nada, parecia... bem, parecia não

ser muito chegado à mulher, gostava mais de homens, e uma noite, bem, pode parecer repugnante mas foi verdade, ele veio para os meus lados, tentou me atrair, me prometeu um carro, eu tinha 18, 19 anos, quase aceitei porque queria continuar ali, comendo o pão dos outros, até acabar o curso de medicina, fingi que não entendi, o cara sabia do que houvera com a mulher dele, Ivone era honesta, tinha contado tudo, pois o cara cismou de dar em cima de mim, ele bebia muito, Ivone havia voltado diferente, também bebia muito, quando não tinham o que fazer bebiam, bebiam até perder a consciência, uma noite me chamaram, eu já estava dormindo, fui lá

em cima, no quarto deles, pensei que precisassem de alguma coisa, mas eles não queriam nada, os dois juntos, compreende, aí, eu fugi, deixei tudo lá, livros, roupas, futuro, passei a primeira noite numa praça, a polícia invocou comigo, pediram documentos, que eu mostrasse a mão, não tinha calo, eu devia ser um vagabundo, me bateram muito, fiquei preso cinco dias, levando porrada à toa, até que me soltaram, por que não sei, acho que precisavam renovar o estoque de presos, eu não tinha mais nada a fazer no Rio, nem estudo nem trabalho, voltei para Búzios, minha mãe tinha morrido, ocupei aquela cabana lá na praia, em cima da duna, de

um velho pescador que tinha sido amigo de meu pai, me deu a canoa, pequenina demais, era bote de apoio de uma traineira da colônia de pesca, gostei da canoa, fiquei com ela, descobri que pescando de noite dava pra viver, quando vendia peixe tinha dinheiro para comprar comida, se não vendia eu comia o peixe, não morria de fome, ficou tudo bom na vida, não tenho necessidade de nada, gosto de viver assim, no meu canto, não dou trabalho a ninguém, tenho saúde, gosto do mar, gosto do silêncio, há muitos anos tive caso com uma mulher daqui, mulher de um cara que trabalhava no banco, ela me deu um radinho de pilha, levei pra cabana, ouvi

músicas que não gostava, notícias que não gostava, ia jogar o radinho fora mas acabei dando para um pescador que me ajudava na hora de vender peixe, taí a minha vida, gosto de você, não sei como vai ser agora, estou falando sério, nunca falei tão sério, só peço uma coisa, não me conte nada de seu passado, quero você assim, como naquela noite, quando peguei a lanterna e iluminei você, senti que seria minha... minha e... não quero saber do seu passado, ele me rouba de você...

Vera acabara de comer a pizza. O temporal também acabara.

— Não vai comer o seu pedaço?

— Estou sem fome. Vem.

P NATUREZA MORTA RIMEIRO APARECEU GIBI.

O dia estava nascendo, João acordara de madrugada, preparara o barco, Vera se levantara, fizera café, acompanhou-o até a canoa que dormira ali, em frente à varanda.

Ela voltou para a cama, queria dormir um pouco mais. Mas era segunda-feira, Toninho devia aparecer para começar a pintura, já fora pago, mas quem apareceu foi Gibi, que surgia da noite ou desaparecia no dia, ela puxou conversa com ele, ofereceu café, ele topou e pediu pão “com alguma coisa dentro”, havia restos de presunto na

geladeira, Vera fez um sanduíche, o menino comeu esfomeado, alegre: — Toninho já voltou? — perguntou ela.

— Não sei. Ele disse que hoje ia começar o trabalho aqui.

— Você gosta dele?

— Gosto. É um cara legal.

— Que que você vai ser quando crescer?

— Não sei. É preciso ser alguma coisa?

Vera ficou séria. Olhou com raiva o guri. Ele comia com esganação o sanduíche, a boca cheia, os olhos brilhando.

— Quer mais café?

— Depois eu quero.

E de repente.

— Cadê o marido da senhora?

— Meu marido? Você conhece o meu marido?

— Conheço. Tem um carro azul. A senhora não é artista da televisão?

— Não. Quer dizer, mais ou menos.

— Eu já vi um retrato da senhora.

Toninho já viu também, disse que a senhora é um saco...

— Um saco? Por quê?

— Sei lá. Toninho gosta de todo mundo mas disse isso.

— Não deve gostar de quem fica olhando o trabalho dele...

— Ele não liga pra isso. Quando tá com dinheiro paga comida pra nós. Já

me levou até Niterói de ônibus, fomos comprar tinta...

Às 11 horas, Vera já tinha desanimado, Toninho não viria mais. E já estava na hora de João chegar, ele vinha pelo mar, ia primeiro na outra praia, onde deixaria os peixes para a venda, depois viria — sim, ele ficaria com ela, fora claro: — Vim pra ficar.

E ela não dissera nada, nem sim nem não. Estava por tudo. Queria ver no que ia dar: Jorge podia aparecer de repente, não gostaria de saber que havia um homem em seu lugar, na sua cama, com a sua mulher. E havia Toninho, que a intrigava.

Vera pensou:

“Estou fazendo uma porção de coisas malucas. Já estava cansada da responsabilidade. O mundo sobre os ombros. O que acontecer, aconteceu. Topo. Depois vejo o que vai ficar — se é que fica alguma coisa.”

Sentia-se feliz. E isso era bom e era tudo.

Toninho chegou ao meio-dia e nem parecia ter ido: olhou a parede, olhou a cara de Vera, olhou as tintas, despejou uma lata preta na bacia, mexeu um pouco, tomou distância, jogou a bacia contra a parede, ficou um borrão de tinta no meio da parede, escorrendo em pequeninas veias negras que desciam,

sinuosamente, até o chão, manchando a areia branca onde terminava a parede.

— Que é isso?

— Um quadro. Terminei.

— Já.

— Não acredita? Vem ver daqui, assim, de longe... saiu bacana!

Vera olhou. Olhou a mancha. Depois olhou a cara de Toninho, a barba espessa e marrom. Teve um pensamento, ficou sem jeito de perguntar, olhou novamente a parede, não, não era possível. Encarou-o: — Você está pirado? Andou fumando outra vez?

— Não. Não fumei nada. Não preciso de fumo nem de álcool, só

preciso de liberdade e você não vai me escravizar aqui nessa parede...

— Mas já lhe paguei, você cobrou caro, exigiu o dinheiro na hora, tive de pedir emprestado...

— Problema seu, dona. O meu está aí: não há problema. Prometi um quadro, eis o quadro...

— Mas a parede...

— Não sou pintor de paredes. Sou um artista. Vou assinar meu nome ali embaixo, no canto.

Pegou um pincel, esfregou-o contra a bacia que ainda tinha uns restos de tinta preta, foi ao canto, desenhou um T enorme, irregular e acrescentou um ponto: T.

— É isso aí. Tá pronto e assinado.

Vera sentiu raiva. Antes que o rapaz pudesse fazer qualquer coisa, ela apanhou uma das latas de tinta, nem olhou a cor. Atirou contra a parede. Era azul. Misturado com a mancha preta, o azul também escorreu em direção à areia. Depois, ela apanhou o mesmo pincel com o qual ele assinara o nome. E em cima do T. colocou um enorme B e um ponto.

Toninho achou divertida a atitude de Vera. Mas estranhou o B.

— Seu nome não é Vera? Por que o B?

— *Bê* de burra.

Ele riu. Gibi, que ficara um pouco assustado com a cena, também riu, descontraído.

Vera quase gritou: — Agora dê o fora! Leve suas tralhas, suma!

Toninho ficou sério: — Escuta moça, eu não larguei tudo na vida para alguém vir mandar em mim. Pelo fato de ter pagado não tem o direito de me ofender.

— Ofender? Você é um vigarista! Me cobrar um dinheirão para jogar uma bacia de tinta na parede...

— Foi inspiração...

Vera teve vontade de esbofeteá-lo. Era um gozador, apenas isso, um

vigarista gozador. Mas se lembrou que já lhe havia dado um tapa e nada adiantara.

— A sua inspiração é uma droga. Se você...

— Calma, calma! — Toninho olhava a parede com atenção — você estragou a minha obra, agora tudo ficou diferente, aquela mancha azul está pedindo uma solução, não pode ficar assim, não vou ficar desmoralizado só porque uma freguesa achou que meu quadro era ruim... Gibi, mistura na bacia limpa um pouco de vermelho, depois bote o preto, faz aquele tom que gosto, acho que vou ter um trabalhão...

E voltando-se para Vera: — Você me chamou de vigarista. Não gosto que me

insultem. Por muito menos já quebrei algumas caras por aí... sou um artista honesto, fiz um quadro bacana, mas você acha que o dinheiro paga tudo, estragou minha obra, agora preciso dar uma solução para o quadro, vou gastar mais tinta, vou gastar tempo e trabalho e não vou cobrar um tostão a mais. Devia cobrar o dobro, pois vou fazer dois quadros...

— Vai fazer uma ova! Vai é fazer a trouxa das tintas e dar o fora!

Vera entrou na varanda e começou a chutar latas e bacias para fora. Gibi se arrepiou, saiu correndo com medo de levar sobras.

— Toninho, cuidado, cuidado! — o guri gritava, mas o rapaz não deu atenção. Continuou olhando para Vera, como se achasse graça: — Ficou histérica? É isso o que dá a gente se meter com...

Ouviu uma voz forte e irritada: — Cala a boca!

Toninho virou-se, viu um homem à sua frente, não pôde desviar o rosto. Levou um soco na cara, tonteou. Caiu na areia. Não entendeu nada. Passou a costa da mão pelos beiços que sangravam. Rosnou baixinho: — Chegou o dono...

Levantou os olhos. Olhado de baixo para cima, o pescador parecia imenso: —

Dê o fora! Ande! Ou quebro a sua cara de vez!

Vera ficara mais calma. A chegada de João a perturbara, ela não sabia se aquela intervenção a agradava ou não. De qualquer forma, estava aliviada, não sabia o que fazer com o rapaz e suas tintas.

Gibi recolheu as latas, botou tudo em cima da lona. O próprio João fez com má vontade e às pressas um embrulho improvisado, jogou a trouxa na areia, na direção de Toninho, que permanecia estatelado na areia.

— Suma logo! E se aparecer de novo apanha mais!

Gibi ajudou Toninho a erguer-se. O rapaz admitiu, de cabeça baixa: — Tá bem. Vocês ganharam...

Olhou duro para Vera, mas não havia ódio em seu olhar.

— Vamos dar o fora, Gibi. Temos um muro para pintar lá perto da praça, não vamos morrer de fome...

Só então reparou que João havia trazido uma fiada de peixes pequeninos, presos pelas goelas numa linha de pesca. Estavam jogados na praia. Molhados do mar e sujos de areia, pareciam passados em farinha de trigo, prontos para fritar.

— Olha aí — continuou Toninho, dirigindo-se a Gibi mas falando para ser ouvido por Vera e João — aí está uma

boa sugestão: peixes enfiados pela goela e
sujos de areia... será a minha primeira
natureza morta...

O GATO

Vera fritou os peixinhos. Perto do fogão, sentado num banco, João olhava para ela, em silêncio.

— Está com fome?

— Não. Estou com vontade.

Vera ficou sem jeito. De biquíni, ali no fogão, a fumaça da gordura subindo pela cozinha, ela se sentia tudo, menos mulher. Além do mais, estava desabituada: com Jorge, o amor se limitava a uma rotina sem gosto, de dez em dez dias, quase uma obrigação.

Agora encontrava um homem que a exigia, que a desejava a qualquer hora: virando os peixinhos na frigideira, ela percebia que o homem olhava suas

pernas, seus quadris marcados pelo biquíni.

Respondeu sem convicção: — Está quase pronto. Estou morrendo de fome.

João agarrou-a. Com uma das mãos, desligou o gás. Os peixinhos deixaram de chiar na frigideira. Ele a levou para o quarto.

— Fecha a janela, por favor, pode passar alguém... — pediu ela.

João não ouviu. Vera tentou se esforçar para acompanhá-lo mas foi impossível.

— Você não gostou? — A pergunta de João era sobretudo uma queixa.

Ela não mentiu:

— Assim... tão de repente... não estou habituada...

João segurou-a pelos cabelos, sem força, mas com um pouco de raiva: — Quero ser claro, Vera: você agora é minha. Você topou ser minha. Não será mais de seu marido nem de ninguém!

Largou a cabeça dela com brutalidade: — Não quero ver mais esse guri aqui!

— Que guri?

— Esse pintor. Não gostei dele.

— Nem eu.

— Mas você o chamou...

— Para pintar a parede, achei a pintura dele divertida, mas não gostei da besteira que fez... eu também reclamei...

João sentou-se na cama. Passou a mão pelos cabelos, como se estivesse aborrecido.

— Olha, Vera, eu não estou brincando. Já passei por muita coisa, estava quieto no meu canto, vivia bem, o mar, o barco, a cabana, não precisava de mais nada, quando queria mulher ia a Cabo Frio, lá tem uma casa, pagava e vinha embora. Você apareceu, agora é tarde, entende? Muito tarde. Vou lutar por você, vou brigar por você, até mesmo contra você...

Ela teve preguiça de discutir. Largara profissão e marido para quê? Para ser escrava de um pescador, um homem que falhara, que se acomodara na solidão...

uma solidão diversa da que Vera buscava. Ela tivera escolha, largara tudo quando atingia o topo, a crista da onda, sabia o que deixava e por que deixava. Ele não: perdera a capacidade de brigar, tivera um empurrão, estudara, poderia ter se virado por aí, mas medrara, se recolhera ao mar, a Búzios, lobo acomodado, distante de tudo, mas por necessidade, sem alternativas.

Preferiu ficar em silêncio. No fundo, sentia que agora, a partir de sua liberdade, um homem como João era quase necessário em sua vida. Seu corpo forte parecia de moço, os olhos verde-água, o cheiro de mar e sal em sua pele...

Ela deu um pulo da cama, lembrando-se: — Os peixes! Vou acabar de fritar os peixes!

Colocou o biquíni, foi à cozinha, acendeu o gás, a frigideira voltou a chiar, alguns respingos de banha caíram em suas pernas, ela colocou o avental para protegê-las. Pelo rabo do olho, procurava adivinhar o que João estaria fazendo.

— Não vai almoçar? — perguntou ela, quando notou que ele saía para a praia...

— Sim... vou almoçar... mas antes quero dar uma espiada...

Ele andou uns 15 metros, virou-se, olhou o quadro que Toninho pintara. Notou que no canto, embaixo, havia um

borrão que ele não conseguia distinguir. Se aproximou. Viu um *T.* embaralhado com o *B.* Não gostou, embora não compreendesse. Com a ponta do pé, jogou areia em cima. A tinta já havia secado, mesmo assim alguns grãos de areia se grudaram no borrão.

A voz de Vera:

— Você não vem comer?

João sentou na varanda, ela trouxe a travessa com os peixinhos fritos.

— Tem cerveja e pão...

João comia lentamente, com as mãos, os dedos sujos de mar e peixe, as unhas encardidas. Vera observava o seu homem. Já havia notado aquelas unhas, não sentia nojo, gostava de saber que o

seu corpo fora acariciado por aqueles dedos, aquelas unhas roídas pelo mar e pelo sal.

João estranhou:

— Você não come?

Ela se distraíra, olhando seu homem comer. Há muitos anos não fazia qualquer tipo de comida para Jorge. Na agência de publicidade queriam que ela tivesse mãos perfeitas, mãos de fada, podia pintar um anúncio de repente, em que as mãos fossem detalhe importante — e tinham de aparecer duas mãos impecáveis, mãos de Mona Lisa.

— Sabe, você é muito bonito!

Ela se aproximou do rosto de João, beijou-o na boca, sentindo o gosto de

peixe que ele comia.

— Está com vontade? — perguntou ele.

Vera beijou-o com mais força.

Meia hora depois, quando voltaram à varanda, a travessa de peixe estava vazia.

— Passou um gato por aqui e levou tudo...

João examinou a travessa: — Não. Não foi gato. Foi gente. Só levou os peixes. Gato lambe o prato, deixa o fundo limpo...

— Você entende de gatos?

— Não. Mas entendo de peixes.

Vera voltou à cozinha. Não tinha outro jeito: abriu uma lata de salsicha, fez umas torradas, havia um vidro de

maionese, almoçaram na varanda, olhando a tarde que caía, em silêncio.

Depois que a noite caiu, João recolheu a rede que deixara estendida na praia.

— Amanhã vou apanhar um peixe grande pra você...

— Amanhã vou fazer um grande amor com você.

Vera se aninhou em seu corpo, sentindo-se protegida, estranhamente livre, e mulher.

OS PEIXES

Todos os dias João saía de madrugada, antes do sol nascer. Voltava aí pelo meio-dia, trazendo os peixes de sempre, nunca demais, nunca de menos, Vera não entendia aquela regularidade do mar e do homem, parecia haver um pacto secreto entre os dois, diariamente o mar lhe oferecia uma quota, o homem se bastava com ela, as manhãs mais felizes compensavam aquelas em que nada apanhava — enfim, uma profissão como outra qualquer, com horários, regras, recompensas, perdas.

Ela se levantava com João, gostava de vê-lo preparar as redes, as linhas, fazia-lhe

o café. E nunca faltava à praia; quando, a partir das dez, dez e meia, ela sabia que ele voltaria do largo, cheirando aos mares, aos ventos do mundo. Ajudava-o a tirar os peixes, a estender as redes para secar. Separava alguma coisa, o resto era levado para a colônia, na outra praia, onde um cara que vinha de Cabo Frio comprava tudo, fazia os lances, dava sempre um dinheiro mingüado, nem mais nem menos — e ia tudo para o açúcar, café, pão, arroz, enfim, João ganhava para o trivial — e ela até se esquecia de que Jorge deveria mandar-lhe dinheiro, ainda era o seu marido e empresário.

Mas lembrou-se disso, de repente — e à força — quando foi à lanchonete do

Casimiro comprar uma pizza — havia caído outro temporal, João não saíra para pescar, não haveria peixe, o jeito era apelar para a pizza.

Casimiro a recebeu como sempre, botou a pizza no forno, para que ficassequentinha. Aproveitou a ocasião: — Olha, Vera, não é por nada, não me incomodo com a sua conta, ela está alta mas não tem problema, o seu crédito é grande, o diabo é aquele dinheiro que pedi emprestado no açougue, lembra-se? Dois e quinhentos, você precisou, eu me virei para arranjar, fui ao açougue, o Couto já me cobrou duas vezes, eu paguei para evitar amolação, foi dinheiro

que saiu aqui da caixa, grana viva, se você falasse com o Jorge...

Ela ficou sem jeito, não estava habituada, o marido sempre se encarregara de suas contas, ela mal sabia preencher um cheque: — Fique tranquilo, hoje mesmo telefono pra ele... amanhã ou depois tenho o dinheiro...

— Taqui a pizza... saiu caprichada...

Vera voltou para casa com ódio dela mesma. Descuidara desse departamento, o basta que havia dado na vida profissional não implicava na irresponsabilidade, ela teria de arranjar um modo de viver, de se sustentar sem a publicidade, sem emprego bitolado, fixo e, sobretudo, sem qualquer ajuda do

marido. Aí aparecera João, homem livre, vivia do que ganhava a cada dia, peixe, sol, muito amor — ela começava a adotar o esquema dele, agora vinha aquilo, a cobrança na bucha, em cima do lance, dois mil e quinhentos cruzeiros, mixaria, mas aquela mixaria tirava a vontade de curtir a pizza que sentia quentinha em sua mão.

— Que que houve? — João notou que ela estava aborrecida.

— Nada. Aproveite a pizza, está quentinha... vai esfriar com esse vento...

João comeu em silêncio, olhando para ela.

— Você não come?

— Comi um sanduíche lá no Casimiro...

A mentira saíra forçada — ela se amaldiçoou por estar mentindo. Mudara de vida para chegar à verdade, ou, pelo menos, para viver mais próximo da verdade, como João, como Toninho. E ali estava, mentindo por causa de uma mixaria de cruzeiros.

Depois do almoço, João sempre queria amor antes de ir descansar. Levantou-se, limpou as mãos sujas de pizza na bermuda que usava quando largava suas calças de pescaria — ele usava sempre o mesmo uniforme: a velha jeans desfiada, arregaçada até os

joelhos, o busto nu, o chapéu de palha para proteger os olhos, a cabeça.

— Vamos... estou com vontade...

De início, Vera foi dócil. Acompanhou-o ao quarto. Mas quando sentiu que as mãos dele percorriam seu corpo, afastou-se: — Não... hoje não... quer dizer, agora não...

Era a primeira vez que ela recusava. João ficou surpreso, não disse nada, seu silêncio foi mais fundo e maior. Virou para o lado, nada perguntou, se encolheu na cama, sem orgulho mas também sem carinho.

Vera se sentiu obrigada a explicar: — Não é nada importante, mas eu tenho de

sair agora, vou telefonar para o Jorge, ele precisa mandar dinheiro...

João pareceu não ter ouvido. Depois de um comprido silêncio deixou escapar uma censura, uma queixa contra si mesmo: — Por que não falou comigo? Eu arranjava o dinheiro... não acho legal pedir dinheiro a ele...

— O dinheiro é meu... tenho ainda alguma grana a receber das agências... ele já deve ter apanhado uma nota e não me mandou nada...

João se enroscou para dormir. Foi a forma de demonstrar que não gostara de ouvir falar sobre dinheiro, sobre o marido. A mulher que ele encontrara na noite, destacada no foco de luz de sua

lanterna, tão sozinha e frágil, mostrava-se agora como era: tinha barbantes, amarras que a prendiam a um passado, ao dinheiro, ao marido. Tudo isso a arrastava para longe.

Vera se levantou, encostou a janela para que a chuva não molhasse a cama e atrapalhasse o sono de João.

Saiu.

No posto de gasolina havia telefone. Até chegar lá, tomou água pela cara, os cabelos louros ficaram escorridos, a blusa colada na pele, os pés descalços afundando nas poças abertas pela chuva — tudo era selvagem e solitário. Mas ela não estava feliz: o estômago se contraía de dor, ela ia falar com o marido, falar

em dinheiro, e não falaria o mais importante, “olha, arranjei um homem, estou com ele na minha cama”.

Chegou ao posto.

— O telefone pifou — informou o rapaz que tomava conta das bombas. — Desde ontem está com defeito.

Teve vontade de soltar um palavrão. Não adiantava procurar outro aparelho, era a pane geral, habitual em Búzios, em Cabo Frio, Araruama...

“Bem, foi melhor assim, não preciso falar com Jorge...”

Ia voltar pra casa, a chuva aumentava. Viu um guri correr pela rua, melado de lama: Gibi.

Foi atrás dele. Teve de correr, o menino era ágil. E ela queria saber de Toninho que sumira há vários dias. Não podia perder aquela pista.

Encontrou-o bem longe, quase no fim das casas que se alinham à beira da estrada. Debaixo de uma pequena marquise, o rapaz estava embrulhado num cobertor em frangalhos, tremendo.

— Que que houve? — perguntou ela.

Toninho não respondeu. Gibi informou: gripe, febre alta, tomara chuva em cima. Gibi havia trazido um comprimido: — Ele não devia trabalhar. Veio de teimoso. E agora está pior.

Vera olhou a parede que Toninho pintava: não era o absurdo painel de sempre. Num canto da superfície amarela-clara, bem nítidos, grudados à cola, lá estavam os peixes ressequidos que ele roubara.

A FEBRE

— Vai fazer colagem?

Misturar coisas reais com a pintura? Essa técnica tá furada, passou de moda...

Vera sentia prazer em maltratar Toninho, vingar-se da humilhação que sofrera. E ele estava tão fraco que não respondia, nem sofria, os calafrios da febre faziam o corpo dele tremer como um passarinho molhado, dentro do cobertor que Gibi devia ter roubado em algum canto. Naquele momento, Toninho não parecia ter 18 anos: olhado com pena, parecia uma criança.

Vera sentou-se no tamborete que havia embaixo da marquise onde o

garoto se abrigara. Gibi procurava estender a lona em cima das latas de tinta que ficaram sob a chuva.

— Perdi o material... as tintas... todas as tintas — falou o rapaz, a voz rouca, a gripe arranhava a garganta dele como areia no vidro de um copo.

O tamborete era pequeno, Vera e Toninho estavam colados, encostados. Ela sentia na pele a aspereza do cobertor que envolvia o rapaz, a febre que sacudia o corpo dele.

Sentiu pena:

— Você não pode ficar assim. Por que não vai pra casa?

Gibi respondeu pelo amigo: — Ele emprestou a cabana para uns caras que

vieram do Rio... dormiu na praia, pegou a chuva que caiu de madrugada...

— Chuva? Foi um temporal!

Toninho parecia não ouvir. Olhava — e seus olhos brilhavam — a parede que estivera pintando: — Eu queria terminar hoje... falta pouco... os peixes que eu roubei de vocês já apodreceram, passei verniz neles, acha que vão estragar depois?

Vera deu de ombros: — Sei lá! Depois da sujeira que você fez comigo, quero que se dane. Você e suas pinturas...

— Eu não fiz sujeira. Você me pediu um painel, eu fiz o painel, cobrei, você pagou, tudo legal, numa boa...

Um arrepio mais forte sacudiu o corpo dele. Vera se assustou: — Você não pode ficar assim.

— Não chateia. Me deixe em paz.

Ela tomou uma decisão. Não disse nada: saiu, voltou à praça. Por acaso ou milagre, havia ali um táxi parado. O motorista bebia na lanchonete de Casimiro. Recusou sair, alegou a chuva, mas Vera insistiu, prometeu gorjeta forte.

Pouco depois, o carro parava ao lado da varanda de Vera. Dentro da casa, João levantou da cama, olhou sem entender a presença do táxi, o que vinha com ele. Quando entendeu, não gostou.

Vera e Gibi ajudaram Toninho a sair do carro. Enrolado no cobertor, o rapaz era um embrulho malfeito.

— Fique aqui na sala, deite na rede, mas precisa se secar...

Gibi apanhava as tintas que haviam ficado no carro. Olhou com respeito para João, mas, de certa forma, parecia gozar o homem que dali os expulsara, dias atrás.

— Deixo as tintas aqui?

Vera nem ouviu. Que Gibi deixasse as latas onde entendesse. Ela foi ao banheiro, apanhou uma toalha seca, voltou à sala, Toninho esperava, em pé, sem coragem de deitar na rede.

— Vou te enxugar.

Ela passou a toalha pelo corpo dele, os cabelos, as costas, se ajoelhou, enxugou seus quadris, suas pernas.

— Você está todo molhado... e está pelando!

O problema era o calção, encharcado. Vera hesitou, levantou-se, atirou a toalha em cima de Toninho: — Não vai querer que eu enxugue tudo. Se vire. Só deite na rede depois de enxuto. Você está muito quente, a febre deve tá alta.

E foi para o quarto, sentindo-se quente, com um pouco da febre do garoto. João olhou-a em silêncio.

— Fecha a porta.

Vera não prestou atenção ao tom de voz irritado. Fechou a porta porque era hora de fechar a porta, lá na sala Toninho ia tirar o calção, deitaria nu na rede, a toalha servindo de coberta.

Quando a porta fechou, não teve tempo de desviar o rosto.

— Toma!

Ela recuou, mais de espanto do que de dor ou raiva.

João avançou, ia repetir o tapa mas preferiu agarrá-la pelos braços. Sacudiu-a com força, atirou-a contra a cama.

— Você vai me pagar!

Vera fechou os olhos, esperando a surra. Mas João a possuiu, com a fúria

dos traídos, com o desespero dos que
sofrem.

A SOPA E O MEDO

— Não quero esse cara aqui.

— Ele está doente, não tem para onde ir.

João olhou para fora. A chuva parara. Num ponto do horizonte, o céu se abria, quase azul. A tarde caía.

— Vou pescar à noite. Muita gente não gosta, mas tenho sorte sempre que saio ao mar depois da chuva.

Vera gemeu, magoada pelo tapa, pela posse brutal: — Não gosto quando sai à noite. Prefiro você aqui.

João estava em pé, pela porta via a rede onde Toninho dormia.

— A chuva parou. Pode mandar o garoto embora.

— É uma crueldade. Ele é inofensivo.

João saiu do quarto, foi à copa-cozinha, esquentou café, tomou uma caneca, saiu sem se despedir. Vera o viu atravessar a areia, cortar a praia em diagonal, em busca da enseada do outro lado das pedras, onde ficava o bote dele, as redes dele, o mundo dele.

Ela se levantou. Sentia-se amassada, doída, infeliz. Foi até a rede, Toninho dormia, ela colocou a mão na testa dele, a febre diminuía. E de repente, como se sentisse uma cólica, percebeu que estava feliz: no rosto, a marca do tapa que

levara, a força daquela mão rude, que sempre cheirava a peixe, a mar. No resto de sua carne, a sensação do realizado, do amor. Na rede, uma criança que dormia, que ela agasalhava.

Lá fora o ar ficara mais limpo depois da chuva. O mar continuava escuro, a areia pesada, pipocada. Não era exatamente um dia típico de Búzios, mas tudo estava bonito, em silêncio, um mundo sozinho, ela sozinha dentro do mundo. Havia um vento ligeiro que arrepiava suas pernas nuas. Sentiu fome. Na pequena geladeira haveria alguma coisa para comer. Voltou-se em direção à copa-cozinha mas não gritou: ali, no

fundo da parede que dividia a sala do quarto, estava seu marido, Jorge.

— Você! Não ouvi você chegar!

— Eu não cheguei. Estava aqui há muito tempo.

— Isso é sujeira! Devia ter avisado!

— Avisar o quê? A casa é minha!

Vera não teve coragem de encarar o marido. Adivinhava que ele estava vestido com a roupa da cidade, paletó, gravata, o executivo bem-sucedido, o número um da agência de publicidade, diabo, o que viera fazer ali?

— Qual é o problema? — perguntou ela, abrindo a porta da geladeira.

Jorge começou a desfazer o laço da gravata. Tirou o paletó. Percebeu que

não tinha um lugar para colocar o paletó e gravata. Poderia jogar numa cadeira, no chão, mas nada ali — e isso ele sentiu fisicamente — era mais dele.

Para piorar a situação, Toninho se mexeu na rede e acordou. Fez esforço para sentar-se, estava fraco, a posição não ajudava. Rosnou um palavrão. E logo rosnou outro quando não reconheceu o lugar em que dormira. Do ângulo que tinha, não podia ver Vera. Ele olhava bestificado a cara de Jorge, um desconhecido para ele: — Você é da polícia? — perguntou o rapaz, esforçando-se para raciocinar. — Eu não fiz nada! Não sei de nada!

Jorge não respondeu. Pensou em jogar o paletó e a gravata em cima de uma cesta de vime, cheia de revistas antigas e empoeiradas. Vera bebia uma cerveja em lata, encostada na geladeira, parecia se divertir com o embaraço do marido e do rapaz.

Jorge perdeu a paciência. Virou-se para Vera: — Quem é esse cara? Não basta o outro, o que estava dormindo com você?

Vera colocou a lata de cerveja na pia. Havia um pouco de líquido, ela nunca bebia tudo. Despejou o restinho devagar, sem pressa de enfrentar a briga que se armara. No fundo, achava tudo divertido, mais cedo ou mais tarde teria

de enfrentar a sua verdade. Esperara resolver os problemas isoladamente, um de cada vez, primeiro explicar a Jorge a relação com o pescador, depois explicar aos dois — a Jorge e ao pescador — a relação com Toninho. Depois, o mais difícil talvez, explicar ao próprio Toninho o que ela queria dele. E ela nem sabia exatamente o que desejava do garoto.

— Vamos com calma, Jorge, não adianta brigar. Por que você voltou? Deixou a agência? Te chutaram porque não é mais o marido da melhor modelo da praça? Eu conheço aquele mundo-cão, sei como são essas coisas, por isso dei o fora a tempo. Me salvei.

Jorge riu, com raiva:

— Se salvou? Bela salvação você arranjou! O cara que estava deitado com você fede, fede como um bicho, ele nunca tomou um banho decente... E esse guri, basta olhar a cara dele, está entupido de maconha... vai dar galho pra cima de você... ou...

Ele parou. Reparou bem na mulher, com medo de admitir a suspeita: — Vai ver que... a essa altura... você também já aderiu...

Vera respondeu com cara tão neutra, tão chateada, que Jorge compreendeu o quanto ficara por fora. Assim mesmo repetiu a insinuação, de outro modo: — Lembra da Áurea? Aquela manequim

free-lancer que tentava derrubar você? Ela está se oferecendo para a agência, já fez dois ou três trabalhos, o pessoal gostou, ela acaba tomando o seu lugar definitivamente. Pois outro dia, saímos juntos para um coquetel na Norton, ela bebeu um pouco, veio pra cima de mim, disse o que pensava de nós abertamente, que eu fora passado para trás, que você devia estar transando adoidada aqui em Búzios, e metida com maconheiros... parece que ela conhece o assunto, pelo menos, parece conhecer você melhor do que eu...

Havia um jeito sincero no desabafo. Jorge amava Vera, de um jeito idiota, machista, puritano. Queria o bem dela.

E diante daquilo tudo, um homem na cama, outro na rede, percebeu que a mulher estava perdida, perdida em sua liberdade irresponsável, gratuita.

Vera não queria brigar. Que Jorge falasse o que entendesse. A bronca nada tinha a ver com ela. Agência, coquetel na Norton, *Áurea*, *free-lancer* — ela escapara do mundo idiotizado da concorrência, do consumo selvagem. Aproximou-se da rede: — Como é? A febre passou?

Toninho olhava espantado para tudo. Não entendia o que estava fazendo ali. Suas últimas imagens nítidas foram a parede que pintara, os peixes ressequidos que ele encharcara de verniz, depois a

chuva, os primeiros tremores da febre, um táxi, e aquela rede, aquela casa, os dois caras discutindo. Onde se metera?

Perguntou à Vera:

— Quem é esse cara? Você me entregou!

Vera passava a mão na testa do rapaz, a febre diminuía: — Não precisa se assustar. Ele é o meu marido. Agora vou fazer uma sopa pra você, sopa de lata, topa? Precisa tomar alguma coisa quente.

Jorge continuava com o paletó e a gravata na mão, estupidamente. Vera nem reparava nele. Normalmente, ele iria para o quarto onde havia o pequeno armário. Mas sabia que não tinha mais

armário naquela casa que era dele. Não era apenas o paletó e a gravata que ele não sabia onde botar. Ele não tinha nem mesmo onde se botar naquela casa.

Vera voltara à cozinha, abrira o compartimento sob a pia, ali guardava lataria, escolheu uma sopa de ervilhas com bacon, catou a panela, encheu de água, acendeu um bico de gás no fogão, em dez minutos a sopa estaria pronta. Só então enfrentou Jorge: — Você veio para ficar aí parado? Faça alguma coisa. A casa é sua.

Jorge respondeu sério:

— Não. A casa não é mais minha. Vou ver se arranjo uma pensão, um quarto por aí, não posso voltar para o Rio, choveu

muito, a estrada está perigosa... e precisamos conversar...

— Bote o paletó no armário... ele está vazio...

— Mas aquele homem... ele dormia com você...

— João não tem roupa. Só usa calça e bermuda. Não se preocupe, o armário é todo seu.

Jorge foi ao quarto. Viu a cama desfeita, lençóis amarrotados, um dos travesseiros caído no chão de lajotas. Por mais doloroso que fosse tudo aquilo, ele não sofria ao ver a cama que havia sido sua. Sofria mais com o rapaz deitado na rede, Vera esquentando a sopa... em tantos anos de casamento, ele não se

lembrava de Vera ter ido à cozinha fazer qualquer coisa para ele, mesmo quando ficava doente.

Abriu o armário. Cheirava a mofo, a maresia. Pendurou o paletó. Quando fechou a porta, sentiu que alguém entrava correndo pela casa. Voltou à sala: um guri que ele não conhecia, mas que era o moleque típico da região. O garoto se ajoelhou junto à rede, falava baixinho com o rapaz. Vera quis saber o que era. Toninho agora parecia inquieto, não mais pela febre: — Entrou areia! — disse ele a Vera. — Estou na pior!

— Que que houve? — quis saber Vera.

— A polícia foi lá em casa. Prendeu todo mundo.

FIM DO SEGUNDO TEMPO

Agora, a noite caíra sobre o mar. Não chovera mais. O ar estava lavado mas tudo ficara triste, no mundo e dentro da casa. Vera conseguira vencer o mais fácil, alimentar Toninho. Depois de tomar um comprimido que ela arranjava, o rapaz voltara a dormir na rede. Vera adivinhava tudo, ou quase tudo: se metera com viciados, ele próprio um viciado que tentava se livrar do fumo, trabalhava como podia para evitar o apelo, mas o pessoal que lhe vendia a droga insistia, ameaçava, fazia chantagem, ele fora obrigado a ceder sua casa ao grupo que fugira de Cabo

Frio, a polícia andava atrás deles, na verdade, Toninho fora expulso da própria casa, não tinha mais para onde ir, e agora a situação piorava, a polícia descobrira o endereço, dera batida forte, prendera alguns, outros escaparam, faltava prender o dono da casa, talvez o elemento mais perigoso, na certa o mais desgraçado de todos. Por algum tempo, Toninho podia ficar ali, na rede, na casa dela, mas até quando? Em Búzios, todo mundo sabia da vida de todo mundo.

“Bem, por hoje tá tudo certo. Amanhã se dá um jeito.”

Amanhã.

Amanhã seria a vez de João. Ele voltaria para casa ou iria para a sua

cabana? Já deviam ser sete, sete e meia, e João não voltara. Impossível que ficasse lá fora tanto tempo, ele não gostava de pescar à noite, sempre preferia a madrugada. Ela esperaria um pouco mais, se até dez horas não aparecesse, iria à cabana dele, lá na outra praia.

Jorge tomara uma garrafa de uísque, uísque ordinário, uma garrafa perdida na despensa, emborcou tudo, bebendo pelo gargalo, para cair depois, numa esteira do Ceará que ela mesma abriu, não muito longe da rede. Roncava alto, era um homem bonito, mas apesar do sono, da bebedeira, continuava a ser um

adulto, não era como Toninho que quando dormia voltava a ser criança.

Meia hora depois, ela sentiu um tremor no corpo: João não aparecia. Botou uma blusa de malha, foi para a noite. Sabia de cor o caminho por entre as pedras, chegou à enseada das canoas. Devido ao temporal do dia, todas estavam juntas, ligadas umas às outras, como uma fiada de peixes, enormes lonas esfiapadas tentando proteger os cascos. Não adiantava procurar a canoa de João. Rumou diretamente para a cabana dele. Estava fechada, o cadeado enferrujado do lado de fora, mesmo assim ela bateu, com raiva.

Um homem ia passando:

— Não adianta, moça. João não voltou do mar. Estamos preocupados.

— Algum problema lá fora?

— Não. O mar tava meio brabo ali depois da Ferradura, mas João é experiente, não ia facilitar, deve ter apoitado em outra praia, do outro lado, lá também tem uma colônia de pescadores.

— É muito longe?

— De noite é. Tem de cortar caminho pelas pedras... muita gente já caiu por lá, até aquela alemã que os jornais deram... não, de noite é perigoso, só se for pelo mar, mas aí demora muito, mais de hora e meia no remo...

Vera soltou uma praga. Ficou ainda um pouco pela praia, chutando a areia empipocada pela chuva. Quando decidiu voltar, prometeu que mandaria João andar. Queria ser livre, amar e ser amada por homens livres como ela. Para ficar enrolada naquele cipoal mesquinho, de possessões e pressões, seria melhor voltar ao Rio, reassumir o seu papel na corrente, na torrente, na vida que ela negara.

Quando entrou em casa, não entendeu direito: a rede estava vazia. Ao lado, no chão, Jorge dormia, dormia profundamente o sono dos bêbados, dos infelizes. Mas havia uma enorme mancha de sangue perto da rede. Um

vaso de plantas caíra ao chão. Sim, uma luta. A mancha fora pisada numa das bordas, e havia vestígios de sangue. Na varanda escura ficava difícil ver, mas o pouco de areia que rangia contra o cimento tinha pedaços escuros: pisadas de sangue.

Estremeceu: mais adiante, na praia deserta, perto do mar e dentro da noite, um vulto saiu correndo quando ela chegou à varanda.

Só então — e com muita lucidez — sentiu que alguma coisa acabava nela e nela deixava um espanto que tinha gosto de medo.

TERCEIRO TEMPO

Jorge continuava dormindo, roncava forte, cozinhando a bebedeira. Vera olhou novamente a mancha de sangue perto da rede, apanhou o vaso que caíra, endireitou-o. Pensou em acordar o marido mas seria inútil. No estado em que se encontrava, Jorge de nada saberia, só podia atrapalhar.

Deu a volta pela frente, foi ao carro que o marido deixara na rua, protegido pela casa da viração e da maresia, um dos pavores de Jorge era deixar a lataria do carro enferrujar, por isso ele vinha tão pouco a Búzios, maltratar o carro, as molas que se arrebetavam nas costelas

da velha estrada, a maresia que corroía a carroceria.

Abriu o porta-luvas, apanhou a lanterna de mão. Com ela, voltou à varanda, iluminando as manchas escuras que se perdiam na areia. Dois metros além da varanda, havia a mancha enorme, bem maior do que a que ficara junto da rede. A areia estava revolvida, evidente que ali também houvera luta. Depois, iluminando sempre a trilha de sangue, caminhou para o lado do mar, até que uma pequena franja de água, trazida pela maré, mostrou que ela chegara à linha de arrebentação. Dali em diante, nenhum vestígio.

Foi fácil concluir:

“Alguém pegou Toninho dormindo na rede, depois o arrastou para a água, uma canoa e...”

Ela quase deu um grito ao pensar em João. Sim, só podia ser ele: odiava o rapaz, era homem forte, dominaria Toninho facilmente, o arrastaria até o mar, havia o bote, a noite — e amanhã ou depois o corpo poderia aparecer boiando em alguma praia distante.

Voltou correndo para casa. Foi no armário da pia, ali havia material de limpeza. Com uma velha toalha, limpou a mancha que ficara na lajota, quase embaixo da rede. Depois, de joelhos, foi limpando os pequenos pontos escuros que pareciam sangue. Na varanda, onde

havia areia, usou a vassoura, fez esforço para que não ficasse um grão de areia em seu chão. E, ainda com a vassoura, espalhou o lixo pela praia, varrendo aqui e ali, desfazendo a trilha deixada pelo sangue.

Era tarde — quase meia-noite — e ela teve certeza de que João não viria. Foi à geladeira, bebeu uma cerveja, sentia fome mas sabia que nada podia engolir, o estômago em fogo, a cabeça tonta.

“Que embrulhada!”

Odiava Jorge. Ele parecia ser o culpado de tudo. Mas estava tão indefeso, tão inocente dormindo o pesado sono de bêbado. Odiava-se,

também, por tudo, embora não sentisse culpa de nada. Àquela hora, que podia fazer? Esperar o dia nascer seria demais, ela não aguentaria.

Passou por cima do corpo de Jorge que dormia estirado, entre o quarto e a sala, na velha esteira nortista. Foi ao armário, catou sua bolsa. Ali havia comprimidos para dormir. Ela prometera jogar tudo fora, desfazer-se daquele arsenal que a defendia no Rio, quando ficava nervosa, pressionada pelos problemas da profissão, do mundo-cão que ela abandonara para sempre. Nunca mais apelaria para aqueles comprimidos, o sono químico, mas ali em Búzios tudo

correra tão fácil que ela se esquecera de jogar o vidrinho fora.

Tomou duas doses, dois comprimidos redondos e brancos, que amargavam na língua. Voltou à geladeira, bebeu outra cerveja. Sabia que era um erro misturar álcool com barbitúrico, conhecia casos de amigos que estouravam o coração com doses cavalares para espantar a fossa ou fazer o tempo passar mais depressa.

O sono não veio logo. Ela se deitou na rede, mas sentiu súbita repugnância de estar ali, no mesmo lugar onde Toninho, há pouco, dormira e, talvez, morrera. Passou novamente por cima do marido, que de boca aberta, roncando

muito, continuava a cozinhar a bebedeira. Deitou na cama. As cobertas ainda estavam amassadas, o corpo de João ali deixara marcas, a posse brutal que iniciara tudo. Como parecia distante aquela tarde: tudo acontecera tão repentinamente, tão fora do seu alcance, Toninho doente, João com ciúme e raiva, a aparição de Jorge (“vai ser errado assim no inferno, tantos dias para aparecer e logo agora, no maior rolo!”) — enfim, um dia comprido, que custara a acabar e que talvez se prolongasse ainda, além do sono e do sonho.

A CADA UM NA SUA CORDOU
TARDE: PELA JANELA, O SOL
ENTRAVA FORTE. HAVIA GENTE
NA PRAIA, OS VERANISTAS DE
SEMPRE, COM SUAS BARRACAS
COLORIDAS. SEM SAIR DA
CAMA, VIU QUE A ESTEIRA ONDE
JORGE DORMIRA ESTAVA VAZIA:
ELE JÁ SE LEVANTARA.

CHAMOU: — JORGE!

Não houve resposta. Ela foi ao
banheiro, pelo basculante olhou a rua: o
carro dele lá estava. Ainda bem.
Precisava conversar com o marido,
decidir como as coisas ficavam, o

dinheiro, a pensão, essas coisas. E havia, ainda, o problema da véspera, o sangue no chão, o sumiço de Toninho.

Do banheiro foi para a copa: Jorge havia feito café, ela esquentou o bule, havia torradas, o marido sempre fiel à pequena mordomia doméstica. Só então sentiu que alguém estava ao lado da casa, mexendo em alguma coisa. Pela janelinha que dava ventilação ao fogão, entrava uma fumaça escura.

Com a xícara na mão, ela deu a volta pela varanda e foi encontrar Jorge, de short, fazendo uma espécie de fogueira na praia, rente ao muro que Toninho pintara.

— Está enterrando um tesouro?

Jorge olhou-a sem espanto: — Estou queimando a toalha. Ela estava suja de sangue.

— Você pensa em tudo, hem?

— Sou um profissional. Você sabe disso.

— Sabe de quem era aquele sangue?

— Não interessa. Era sangue. E tudo faz crer que era sangue humano, é o que basta para a gente tomar certas providências. Não quero rolo para o nosso lado.

— Nosso lado? Não há mais “nosso” lado, Jorge, já fui clara a esse respeito.

— Querendo ou não, o sangue apareceu aqui em casa, a nossa casa. Eu estava dormindo ali, na esteira, quase

embaixo da rede, quando acordei vi que você havia arrumado tudo, apagado os vestígios, mas esqueceu a toalha. Pensei em enterrar mas a polícia vai vasculhar tudo isso aqui, o melhor é queimar, reduzir a nada.

— Você sabe do que se trata?

— Eu emborqueei... não vi nada, nem quero saber de nada. Vamos conversar e depois dou o fora. Não quero encrenca.

Os dois voltaram para dentro. Vera sentia fome, fez novas torradas, Jorge tomou outro café e admitiu: — Estou perdendo a forma. Bebo um pouco de mau uísque e fico imprestável por dois dias. E preciso da cabeça para conversar com você, decidir o que vamos fazer.

— Está tudo decidido. Só não ficou resolvido foi o problema do dinheiro. Estou precisando, já fiz dívida por aí...

— Trouxe os cheques... você tem a sua caderneta de poupança. Há salários atrasados na agência, tudo isso será depositado no banco. Depois, quando acabar, a gente conversa outra vez. Ou você quer o divórcio para já?

— Não quero saber de nada. Basta ter algum dinheiro para sacar, não vou perder tempo em assinar papéis, tratar disso ou daquilo. Se você quiser, entre com a ação, eu me declaro, como é mesmo que se diz? Ah! Eu me declaro cônjuge culpado, você fica com tudo, só quero a minha liberdade.

— Bela liberdade! — e Jorge apontou o garoto que entrava pela varanda. Vera voltou-se: — Gibi! Onde está Toninho?

— Deu um bode desgraçado!

O menino viera correndo, perdera o fôlego, e quando notou que havia um estranho, perdeu a vontade de contar tudo.

— O Toninho... ele...

Gibi olhava Jorge, queria que Vera notasse seu embaraço.

— Pode falar, Gibi, é o meu marido, pode contar tudo...

— Toninho sumiu... acho que foram os caras que dormiram na cabana dele...

são gente da pesada, lá de Cabo Frio, eles vendem tóxico...

Jorge deu um soco na pequenina mesa da copa: — Não disse? Olha o rolo arrumado! Como é que você vai sair dessa?

Vera enfrentou-o: — Sair dessa o quê? Eu me viro. Não preciso de sua ajuda.

— Meter-se com viciados, traficantes, dormir com aquele homem fedorento, francamente, Vera, para ser livre não precisava descer tanto!

Ela procurou pensar rápido.

— Isso não é assunto seu. O nosso problema já foi discutido, deixa os talões de cheque aí, o extrato da conta, volte

para o Rio, cuide de sua vida, se quiser entrar na justiça entre, separe os bens, o problema é seu. Eu vou com Gibi procurar Toninho.

Colocou um short antigo, muito curto e apertado, e acompanhou o garoto. Jorge tinha acabado de tomar mais um café. Foi ao quarto, ia se vestir, voltar para o Rio. Mas ao abrir o armário onde na véspera guardara o terno, viu o calção de homem, encardido, de cor indefinível. Aquele calção fedorento só podia ser do homem que dormia com Vera. A decisão foi tomada: “Não. Não vou embora. Vou ficar. Estou me divertindo, à minha maneira!”

V COINCIDÊNCIA ERA
CAMINHAVA AO LADO DE
GIBI. PELO CAMINHO, O GURI
CONTOU O QUE SABIA: —
ACHO QUE DEU TUDO ERRADO,
DONA... TONINHO NÃO DEVIA
SE METER COM AQUELES
CARAS...

— Mas ele é viciado?

— Não sei muito não... acho que foi,
mas deixou, preferiu ficar pintando os
muros dele, disse que era até melhor...
mas o pessoal que vendia droga vinha
todas as semanas, Toninho comprava só
para fazer a vontade deles, depois jogava

fora... mas aí deixou de comprar, foi a Cabo Frio decidir a questão... voltou de lá mais contente... começou a pintar aquele muro que tinha os peixes... fui eu que roubei os peixes, Toninho pediu... e aí ele teve febre, a senhora levou ele pra casa... mas os caras já tinham entrado na cabana dele, à força, nem pediram licença, ele mentia muito pra senhora... agora está sumido... acho que...

— Acha o quê?

Gibi engoliu. Seus olhos ficaram redondos: — Essa gente é capaz de tudo, dona... conheço muitos casos...

Finalmente, Vera descobriu onde Toninho morava: uma casa pequena, caindo aos pedaços, em cima de uma

pequena elevação. Era o pedaço sobrevivente da casa maior que restara de uma ruína, não havia mais nada em volta, o lugar deserto, feio, nem parecia Búzios, mas trecho de subúrbio.

— É aqui?

Vera imaginava que a casa fosse mais de acordo com o gênero de vida que Toninho levava, a pintura, o passado de menino rico.

Gibi a segurou com força: — Cuidado, moça! Os caras ainda podem estar lá. É perigoso.

Empurrou a mão do guri, seguiu em frente. Subiu uma escadinha de barro feita no próprio chão, aproximou-se da porta principal porque era a única, ao

lado da janela que também parecia ser única.

Nem precisou bater: quando estava a meio metro, a porta se entreabriu e Vera ouviu a voz estrangeirada: — *Que se passa?*

— Toninho está? — perguntou ela, com a naturalidade possível.

— *Toninho no está acá* — a voz era de argentino ou paraguaio, misturava português e espanhol, castiço portunhol: — *Desea o quê? Va usted embora!*

Vera reagiu: — Sou freguesa dele... tenho uma encomenda e um dinheiro para pagar — gritou ela, forçando a situação ambígua. Falar em freguesa, em dinheiro, encomendara uma pintura ao

rapaz, podia querer pagar mais, ela sacou que devia interessar o dono daquela voz que afinal vacilou: — *Una cliente... bien, um momento, por favor...*

Chamou alguém lá dentro: — *Enrico! Hay una dona que quiere hablar con Toninho... tiene grana...*

A porta entreaberta se fechou de vez. Vera percebeu que estava sendo examinada através das inúmeras frestas da janela ao lado. Gibi ficara lá embaixo, à distância, e devia também estar sendo examinado. Depois de alguns minutos, a porta se abriu de todo.

— Por favor...

Vera entrou. Estava tudo escuro lá dentro, parecia não haver ninguém.

Antes que pudesse pensar alguma coisa, ouviu um grito lá fora: — A polícia!

Era Gibi quem gritava. Gritava e corria. Dentro da casa foi a confusão. Vera recebeu um empurrão que a jogou ao chão. A porta da frente foi trancada com uma viga de madeira. Ela ouviu passos de duas ou três pessoas, depois um buraco se abriu na parede oposta, era uma saída de emergência, por ela saíram todos. Ela se arrastou e conseguiu fugir. Corria como podia, teve tempo de ver três homens que se dirigiam à praia que ficava a uns trezentos metros. Ali havia uma lancha, das grandes, os homens logo a alcançaram, Vera ouviu disparos vindos de trás, jogou-se ao solo para não ser atingida,

os policiais passaram por ela em perseguição aos fugitivos, mas a lancha partiu, dois motores possantes, o barco se afastou, empinando a proa, os tiros da polícia batiam na água...

No chão, Vera tinha vontade de enfiar a cara na terra, comer a terra, de raiva.

Alguém se aproximou: — Pelo menos pegamos uma. Agora vai ser mais fácil.

Dois policiais a levantaram. Ela limpou o rosto sujo de terra.

— Qual é o problema? Não tenho nada com esses caras — disse ela.

— Olha só quem pegamos! Eu sabia que mais dia menos dia íamos botar a

mão num desses turistas da cidade...

— Ela é modelo... está em todas, lá em casa tem até um *poster* dela...

Os dois policiais pareciam satisfeitos por terem apanhado um peixe graúdo.

— Pra onde estão me levando?

— Para Cabo Frio... o delegado quer conversar com a senhora...

— Mas eu não tenho nada com isso... estava apenas procurando Toninho...

— Nós também, moça. Que coincidência!

UM CRIME DENTRO DO OUTRO

Jorge ultrapassou o caminhão, Jali na saída da estrada que dá para Campos. Embicou o carro em direção ao Rio, pisou forte no acelerador.

— Pronto. Se a estrada não estiver cheia, em menos de duas horas estaremos em casa.

No banco de trás, deitada, Vera nem tinha força para abrir os olhos. Que Jorge corresse, a levasse de volta o mais depressa possível. O médico lhe dera duas doses de dramamine, uma sonolência pesada caía em seus membros, o corpo parecia de chumbo, de ferro, ou de nada.

E começou, dentro dela, o longo, interminável filme em que ela interpretava o seu próprio drama, dirigia a sua própria ruína, empresava seu fracasso:

“Pisa, besta, pisa forte, volta depressa, você venceu, todos os que vencem são assim, bestas, estúpidos, só o fracasso é humano, eu fracassei, mas sou eu, continuo eu, apesar de tudo. Sei, tudo será diferente, não posso assumir tudo de repente, preciso de tempo, os outros também precisam de tempo para se esquecerem, eu mesma preciso esquecer... aquela noite na delegacia, quando me levaram lá nos fundos, em cima da mesa de mármore que mais

parecia uma velha banheira, o corpo de Toninho espatifado e inchado, sujo de areia, a areia em frente à minha casa. Arrancaram-no da rede, ele estava doente, não pôde reagir, e os monstros o massacraram, foi horrível... e a polícia pensando que eu tinha culpa, eu que dei a minha rede, o meu carinho, o meu dinheiro, aquela pintura que ele fez na minha casa, aquela droga de quadro, o próprio Jorge desmanchou, mandou um cara passar cal, caiado de branco voltou a ser um muro de cemitério, não ficou vestígio de Toninho lá em casa, o sangue eu limpei, Jorge queimou a toalha, depois desfez o quadro dele que eu mandara pintar, Toninho queria

liberdade através da cor, da vida que levava, mas se metera com a droga, os traficantes exigiam que ele continuasse no vício, que ele comprasse cada vez mais, arranjasse novos fregueses, Toninho tentou fugir, pagou todos os preços mas eles queriam mais, até que lhe queriam a vida, para puni-lo, para advertência dos outros, muitos outros estão na mesma situação, foi assim que me explicaram lá na polícia, mesmo assim levei as sobras, suspeitavam que eu fosse viciada, queriam saber por que abandonara o emprego, por que largara a profissão para viver ali, como explicar a um detetive padrão 2, a um delegado nível 5, os motivos que me fizeram

abandonar o Rio? Bem, aí Jorge apareceu, foi muito legal, ajudou a polícia, o depoimento dele foi decisivo, bastou que mentisse um pouco, disse que estava dormindo, cozinhando a bebedeira, viu o pessoal chegar, dois sujeitos que falavam uma mistura de espanhol e português, Toninho pediu misericórdia, prometeu que voltaria ao vício, que arranjaría novos fregueses, se ajoelhou aos pés dos homens, pediu clemência, que não o matassem, mas já não acreditavam nele, Jorge disse que viu a canivetada perto do pescoço, esguichou sangue, aquele sangue que eu limpei com a toalha. Depois arrastaram Toninho para fora, levaram para a praia,

para perto da arrebentação, bateram no garoto, foi cruel. O corpo apareceu no dia seguinte, na praia do outro lado, onde João guarda a canoa. Estava inchado, depois de morto Toninho fora jogado no mar, depois de morto com muitos golpes, e João que não aparecia, que havia sumido naquela tarde em que entrei com Toninho dentro de casa, aquela posse brutal, o tapa que me deu, o encontro com Jorge, era dose demais para ele, deu o fora, apareceu quando me soltaram, três dias na carceragem, eu estava imunda, meus cabelos empapados de lágrimas, de suor, de medo e de raiva, e de pena, pena de Toninho, pena de mim mesma, o mundo imundo que é

esse aí para o qual retorno, tanto faz na cidade ou na praia, no meio de muita gente ou sozinha, o mal está dentro da gente, tudo dá errado não nos outros, mas aqui dentro.

João.

Não entendi mais nada. Ele sumiu, apareceu com aquele jeito, parecia inocente, e foi essa inocência que me fez mal. Ninguém é tão inocente assim. Acho que me deram um troço para beber, uma droga qualquer, eu contei tudo o que sabia, falei de João, o tapa que ele me deu por causa de Toninho dormindo em minha rede, a polícia quis saber mais, em Búzios achavam João estranho, não era um pescador como os

outros, não se misturava, vivia apartado, solitário, e ele me exigia muito, dizia que eu não podia estragar a solidão dele, que eu viera sem licença e sem licença minha ele decidira que eu seria só dele, o depoimento de João irritou Jorge, e ele então contou que tinha visto João naquela noite, quando os homens não chegaram a matar Toninho, apenas o feriram, bateram muito nele, meteram o canivete no pescoço, mas não feriram fundo, só queriam deixar marcas, advertências, um código lá deles, depois, lá na praia, cortaram novamente o corpo dele, mas sem matar, então, depois que os homens fugiram, João foi lá, aproveitou a treva, a noite, ele que

sempre pescava na treva, ele que gostava de se proteger com a noite, pegou o corpo ferido do rapaz, matou-o de vez, colocou na canoa, foi para o largo, jogou o cadáver na água, por castigo ou por destino o corpo de Toninho ficou pouco tempo no mar, veio boiando, a maré o trouxe de volta, na mesma enseada dos pescadores, quase no mesmo lugar onde João apoita a canoa. A polícia examinou a canoa dele, estava limpa, nenhuma mancha, nenhum vestígio de sangue, mas Jorge disse que viu, eu não entendo como Jorge podia ter visto tanto e tudo se estava bêbado, não estava tão bêbado assim, e o fato é que João se enrolou todo, não soube explicar o que estava

fazendo ali na minha janela, isso era verdade, ele confirmou, logo, Jorge não mentia, viu João na janela, se João confirmou que havia se aproximado da janela, tudo o mais podia ser verdade, Jorge disse que viu quando os homens se foram, o corpo de Toninho ainda mexia, aí chegou João, acabou com ele, colocou o corpo na canoa, João não confirmou essa parte, mas não podia explicar o resto, ter ficado na minha janela, em silêncio, olhando tudo, vendo os homens baterem em Toninho, a polícia quis saber o que ele tinha feito, por que sumira nos dois dias seguintes, era muito suspeito, ele só apareceu em Búzios quando soube que a polícia estava atrás

da quadrilha dos traficantes de Cabo Frio, então ele se sentiu seguro e voltou, mas não podia imaginar que Jorge tinha visto tudo, e aí João jurou inocência, odiava Toninho mas não o mataria, mas tudo estava contra ele, além do mais, a polícia não conseguiu prender os homens que fugiram na lancha, sumiram no mapa, dizem que foram vistos entrando na Bolívia, por terra, na rota tradicional da cocaína, coisas complicadas, o fato é que o delegado tinha de apresentar um criminoso e o criminoso era João, que havia estado no local do crime, havia visto o crime e tinha motivos para o crime, e lá ficou ele, na cadeia, e cá estou eu, punida e

absolvida do crime, mas condenada a ser eu mesma.

O SUCESSO

— Tudo pronto? Vamos rodar mais uma vez. Por favor, Vera, pelo amor de Deus, comece a andar, levante a cabeça, não esqueça de parar na linha vermelha marcada no chão, caminhe normalmente, com naturalidade, sorria, sorria sempre, assim, mostre os dentes, pense que todas as mulheres querem ser como você... levante o queixo, olhe um pouco de lado, isso, tá ótimo, você é formidável, cuidado agora, não pisque o olho, vá indo, vá indo, perfeito... agora a linha vermelha, pare bem em cima... continue sorrindo... agora, atenção... já!

Vera obedecia maquinalmente. Parou em cima da risca. Sentia-se mais à vontade. Agora que desprezava a profissão, que desprezava tudo, compreendia que era fácil viver. O importante é não se comprometer por dentro. Não tinha alternativa: a que tentara dera em drama, as noites na polícia, a visão do cadáver mutilado de Toninho, o tapa que recebera de João — e João podia ter engrossado mais ainda, podia matá-la, de ódio, na possessão do ciúme. Ali, no estúdio da agência, tudo era como antes, a guerra, o mundo-cão, o diretor berrando, Jorge supervisionando, agora promovido, era o segundo homem da agência, abaixo só

do dono, chegara ao topo, vencera, não era mais o contato que brilhava porque se casara com a melhor modelo, agora tinha luz própria, aproveitara a crise para reforçar sua posição, trouxera a mulher de volta, e aos poucos, ela é que sentia a inversão, não era mais a melhor modelo, apenas a mulher do melhor homem da agência.

E tinha razão. Na cabina, o diretor de arte fizera um ar contrariado com o último *take*. Não comentou nada porque Jorge estava perto. Mas quando ficou sozinho (Jorge foi atender ao telefone na sala ao lado) ele desabafou para o iluminador: — Vera está decadente! Acho que já deu o que tinha de dar. No

verão do ano que vem precisamos arranjar uma cara nova...

Na sala ao lado, Jorge falava ao telefone. Era o dono da agência. Uma convocação de emergência, viesse ao andar da diretoria.

Ele subiu as escadas, não teve paciência de esperar pelo elevador. O diálogo foi rápido, objetivo: — Jorge, você é o melhor homem da empresa. Precisa de um incentivo e de um prêmio. Vou ampliar a filial em São Paulo, sabe, o grosso da publicidade vem de lá. Nossa fraqueza sempre foi essa, atuamos num mercado restrito, isso nos dificulta os planos de expansão. Mas agora tá tudo resolvido. Você vai para

São Paulo, chefiar o nosso escritório lá. Poderes totais... e sabe, os lucros de gerência divididos, meio a meio, você é homem de sorte...

Jorge agradeceu, discretamente, como convinha a um quase sócio, de igual para igual.

— Mas tem uma coisa, meu caro Jorge — continuou o chefe — sabe que estimo você e Vera como a dois filhos... minha confiança é total em vocês... mas, depois daquela crise... Vera ficou diferente, não é mais a mesma, tenho recebido reclamações... o verão que ela passou em Búzios... soube por alto das coisas, os jornais deram algum destaque...

Jorge interrompeu: — Fiz o que pude. Usei meus amigos nos jornais para impedir que o nome de Vera aparecesse, acho que, tanto quanto possível, guardamos as aparências...

— Sei, sei, você é perfeito, Jorge, fez tudo como manda o figurino, uma modelo como Vera não podia se envolver num caso daqueles, mas o que está havendo não é culpa dos jornais, acho que Vera voltou machucada, não é mais a mesma... em São Paulo, ela pode tentar outro gênero de publicidade, você encontrará um espaço para ela...

— Deixa por minha conta.

Jorge se retirou. Apesar de traquejado na profissão, sentia uma opressão dentro

do peito: conseguira! Bêbado de vitória, ele cambaleou quando desceu as escadas. Parou no meio. Não, não voltaria ao estúdio. Deu meia-volta, atravessou o comprido-corredor do andar da diretoria e foi para a sua sala. Em breve, teria um andar só para ele, numa agência em São Paulo. Era o topo, decididamente. Ganhara em todas as frentes.

Sentou-se na cadeira giratória, atrás de sua mesa de trabalho. Também aquela mesa seria outra, a maior da agência, solene, como a de um ministro, um banqueiro. Fora um triunfo suado e... sangrado.

Sentiu um arrepio na carne ao lembrar quanto sangrado fora o triunfo.

Aquela noite em que chegara a Búzios sem avisar. Encontrara Vera na cama com um pescador, e, além disso, havia um rapaz na rede. Era a esbórnia em sua casa, e sua mulher ali, centro e razão da esbórnea. A primeira reação foi normal: se embebedar. Caiu na esteira, dormiu ali mesmo, no chão, entre a sala e o quarto, como um intruso em sua própria casa. Lá pelo meio da noite, acordou com o barulho perto da rede. Na névoa da bebedeira, viu que dois homens agarravam o garoto que dormia, um terceiro homem abriu o canivete, deu-lhe um talho no pescoço, superficial, só para assustar: “Toma, guri, isso é para

aprender a não abandonar os seus *amigos!*”

O garoto não conseguia se defender, levou pancada para valer. Um dos homens reparou em Jorge no chão: — Ei, tem esse cara aí, vamos acabar o serviço na praia...

Arrastaram Toninho para a areia. O grupo sumiu no escuro, mas Jorge continuava ouvindo os gemidos do garoto. A surra durou uns cinco minutos. Depois o silêncio. Jorge conseguiu se levantar. O pior da bebedeira tinha passado. Sentia apenas um grande cansaço, uma confusão na cabeça, vontade de fazer qualquer coisa que o

salvasse, o importante era que ele se salvasse.

Dirigiu-se para o mar. Não via nada, a noite era escura e seus olhos não estavam abertos de todo. Mesmo assim, viu um vulto correr a seu lado. Não o reconheceu. Mas o cheiro... o cheiro era conhecido, ele sentira aquele cheiro à tarde, quando entrara em casa e vira o homem sair da cama de Vera. Chegara à reclamar, esse homem fede, “fede como um bicho”, pois o mesmo cheiro, cheiro de mar e sal, de sol e vento, esse fedor da natureza, misturado ao suor do macho, ali estava em suas narinas. Jorge viu o vulto se aproximar de um ponto da praia, perto da arrebentação. Pouco depois, o

vulto correu outra vez, em direção contrária, passou novamente por ele, sem lhe dar confiança.

Jorge foi até a arrebentação. Quase tropeçou no corpo de Toninho. Vivo ainda, gemia baixinho. Ouviu quando o garoto chamou: — Vera... Vera...

Aquele nome o despertou de vez. Com os pés, chutou Toninho para dentro da água. O rapaz não podia reagir. A água subia com a maré, o corpo dele começou a boiar, e Jorge continuou chutando Toninho até que sentiu o fim: o garoto se imobilizou, afogado.

Então trouxe o corpo para a praia. Sabia o que fazer: não muito longe, a cinco metros não mais, ficara uma canoa

abandonada, o barco do pescador que se apoderara de sua mulher, de sua casa. Agora, ele podia se vingar de tudo, de todos, até de Vera. Botou o corpo de Toninho no barco, remou um pouco, largou-o mais adiante, de forma a que as ondas levassem o cadáver para a outra praia, ele conhecia bem aquelas marés.

Depois deixou a canoa no mesmo lugar. Mergulhou na água, lavou-se, devia estar sujo de sangue. Em casa, esfregou a toalha com força pelo corpo, ativando a circulação, para acabar de vez com a bebedeira. Deitou-se na esteira. Duas, três horas depois, Vera voltou. Viu a mancha de sangue perto da rede, não se preocupou com o marido na esteira,

nem notou que ele mudara de roupa, estava só de sunga. A preocupação dela foi limpar o sangue, no dia seguinte ele teria de queimar a toalha para não deixar vestígios dentro de casa. E tudo correu bem, Vera pagou seu preço, foi a primeira suspeita do caso, mas o envolvimento do rapaz com a quadrilha dos tóxicos era evidente, e depois surgiu a canoa do pescador, João não teve argumentos para negar, nem provas que o levassem, tinha visto o crime, isso o comprometeu de vez, se não foram os traficantes só podia ser ele, que odiava Toninho, o rapaz trazido por Vera para a casa, e João admitiu que dera um tapa em Vera por causa de Toninho, negava o

crime, negaria até o fim, mas e daí? O fato é que...

Vera o interrompeu: subira para falar com o marido: — Você não acha que esse pessoal está me tratando diferente? Volta e meia me pergunto se não estão me achando um saco!

Jorge riu:

— Não se preocupe. A partir de amanhã você não trabalha mais aqui.

— Ué? Fui despedida? Agora que estava entregando os pontos?

— Não seja boba, Vera! Fomos promovidos. Vamos para São Paulo. Eu como diretor-geral, você como minha assistente, ganhando o dobro. Evidente, se pintar coisa boa, você ainda posará.

Eu havia prometido que nossa vida ia melhorar...

Vera não sabia se ficava alegre ou triste. Olhou a cara de Jorge, forte, saudável. O sucesso caía-lhe bem, era um sucesso óbvio para aquele rosto. Mas de repente, ela se lembrou do mesmo rosto, dormindo na esteira, bêbado, enquanto matavam um garoto. Teve vontade de cuspir nele. Mas era uma profissional. Aproximou-se, beijou-o devagarinho, olhando-o nos olhos: — Você mereceu, Jorge, você mereceu...

Na mesa, havia uma comprida espátula de osso, para cortar papéis. Vera beijava o marido e fechava os olhos. Sua mão pegou a espátula. O pescoço de

Jorge se oferecia, branco, indefeso. Vera meteu a espátula até o cabo. Depois, como se estivesse fazendo um filme comercial, há muito ensaiado, ela foi à janela, e sem olhar para baixo, até que com calma demais, e sem dor, sentiu o vento tapar sua boca, sufocar o seu grito. Na calçada, ficou reduzida a um borrão de mulher, foto manchada e fora de foco.

EQUIPE EDITORIAL

Daniele Cajueiro

Adriana Torres

Ana Carla Sousa

Guilherme Bernardo

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Allex Machado

Pedro Staite

Leandro Liporage

Maicon de Paula

Vinícius Louzada

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

DIAGRAMAÇÃO

Leandro Collares